

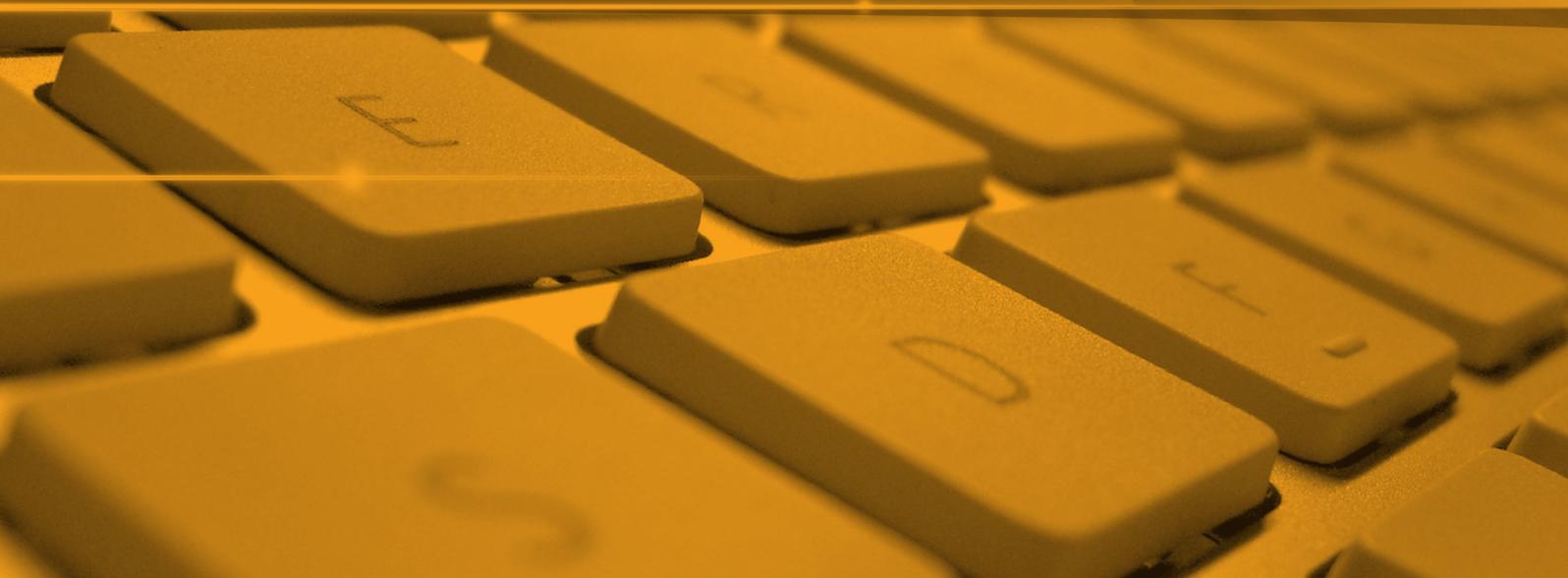
# ... Coleção UAB–UFSCar

..... Educação Musical

: Cássia Geciauskas Sofiato  
: Lucia Reily  
: Neiva de Aquino Albres  
: Vânia de Aquino Albres Santiago

## : Língua brasileira de : sinais – Libras

: aspectos linguísticos e históricos



# **Língua Brasileira de Sinais - Libras:**

aspectos linguísticos e históricos



**Reitor**

Targino de Araújo Filho

**Vice-Reitor**

Pedro Manoel Galetti Junior

**Pró-Reitora de Graduação**

Emília Freitas de Lima



**Secretária de Educação a Distância - SEaD**

Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali

**Coordenação UAB-UFSCar**

Claudia Raimundo Reyes

Daniel Mill

Denise Abreu-e-Lima

Joice Otsuka

Marcia Rozenfeld G. de Oliveira

Sandra Abib

**Coordenadora do Curso de Educação Musical**

Isamara Alves Carvalho

UAB-UFSCar

Universidade Federal de São Carlos

Rodovia Washington Luís, km 235

13565-905 - São Carlos, SP, Brasil

Telefax (16) 3351-8420

[www.uab.ufscar.br](http://www.uab.ufscar.br)

[uab@ufscar.br](mailto:uab@ufscar.br)

EdUFSCar

Universidade Federal de São Carlos

Rodovia Washington Luís, km 235

13565-905 - São Carlos, SP, Brasil

Telefax (16) 3351-8137

[www.editora.ufscar.br](http://www.editora.ufscar.br)

[edufscar@ufscar.br](mailto:edufscar@ufscar.br)

**Cássia Geciauskas Sofiato**

**Lucia Reily**

**Neiva de Aquino Albres**

**Vânia de Aquino Albres Santiago**

# **Língua Brasileira de Sinais - Libras:**

aspectos linguísticos e históricos

São Carlos

2012

© 2012, dos autores

### **Supervisão Editorial**

Douglas Henrique Perez Pino

### **Assistente Editorial**

Letícia Moreira Clares

### **Equipe de Revisão Linguística**

Daniela Silva Guanais Costa

Francimeire Leme Coelho

Jorge Ialanji Filholini

Lorena Gobbi Ismael

Luciana Rugoni Sousa

Marcela Luisa Moreti

Paula Sayuri Yanagiwara

Rebeca Aparecida Mega

Sara Naime Vidal Vital

### **Equipe de Editoração Eletrônica**

Edson Francisco Rother Filho

Izis Cavalcanti

### **Equipe de Ilustração**

Eid Buzalaf

Jorge Luís Alves de Oliveira

Nicole Santaella

Priscila Martins de Alexandre

### **Capa e Projeto Gráfico**

Luís Gustavo Sousa Sguissardi

# ..... SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** .....07

## **UNIDADE 1**

Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens  
(Cássia Sofiato e Lucia Reily).....11

## **UNIDADE 2**

A construção dos sinais e sua mobilidade específica (Neiva de Aquino  
Albres) .....25

## **UNIDADE 3**

Comunicação em Libras: para além dos sinais (Neiva de Aquino  
Albres) .....43

## **UNIDADE 4**

Estudo léxico da Libras: uma história a ser registrada (Neiva de Aquino  
Albres) .....59

## **UNIDADE 5**

Os sinais e seus significados (Vânia de Aquino Albres Santiago) . . . .79



## APRESENTAÇÃO

Este material foi organizado visando o aprofundamento das questões que envolvem a língua brasileira de sinais – Libras - e seu aprendizado como segunda língua, considerando que os leitores/alunos são ouvintes e têm o português como primeira língua.

Como professores da disciplina “Introdução à Língua Brasileira de Sinais” na modalidade presencial, oferecida a diversos cursos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar –, desde 2009, percebemos a necessidade de produção de materiais que atendessem às necessidades dos alunos, que muitas vezes cobravam informações a respeito da gramática da Libras, sua estrutura linguística, sua evolução histórica e aspectos singulares dessa língua de modalidade visuo-gestual. Especialmente quando passamos a ministrar a disciplina “Introdução à Língua Brasileira de Sinais II”, presencial e agora na modalidade à distância, surgiu a necessidade de um material mais aprofundado. Boa parte dos textos e livros a respeito da língua de sinais é voltada para aspectos básicos da gramática, como fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, e abordados de forma bastante superficial – aspectos já abordados no material anteriormente disponibilizado. Temas como o surgimento da Libras, as mudanças sofridas na língua ao longo dos anos, questões léxicas, simultaneidade e iconicidade, são aspectos pouco discutidos na literatura da área.

Partindo desse princípio, preparamos este material visando oferecer maior subsídio para a compreensão e prática discursiva aos aprendizes dessa língua, por meio de textos teóricos ricos e detalhados acerca da temática. Para tal, reunimos alguns autores com vasta experiência em pesquisa e ensino de Libras, objetivando o aprofundamento dos conhecimentos sobre a língua, o que certamente favorecerá o aprendizado da língua pelos alunos e, conseqüentemente, uma melhor inclusão social e escolar da pessoa surda.

Alguns capítulos acompanharão os conteúdos ministrados no ambiente virtual de ensino e aprendizagem, de forma que o aluno possa relacionar questões teóricas e práticas; outras poderão servir de complemento para uma formação acadêmica de qualidade. Buscamos, assim, compartilhar nossas experiências por meio deste material, pensado para o estudante e para todos aqueles que iniciam seus conhecimentos e experiências em outra língua e em outra realidade.

No primeiro capítulo as autoras Cássia Sofiato e Lucia Reily apresentam um histórico acerca da criação de dicionários e manuais de língua de sinais, realizando uma análise crítica das imagens. As autoras ainda levantam questões sobre a ilustração desses dicionários e sua relação com a tradição iconográfica da Libras. Tais fatos são de relevância para o estudo da origem da Libras e das questões que envolvem o aprendizado desta língua, por surdos e ouvintes.

Neiva de Aquino Albres é responsável pelos três capítulos seguintes. O capítulo 2 traz uma sintética discussão em torno da natureza das línguas sinalizadas, uma instigante introdução sobre as diferenças estruturais de uma língua espaço-visual, baseada em pesquisas na área da lingüística; o texto aborda a questão da simultaneidade e a linearidade nas línguas de sinais, o uso do espaço na Libras, e aborda os fenômenos e a complexidade que envolvem a comunicação nesta língua. No capítulo 3 a autora dá continuidade aos aspectos lingüísticos da Libras, levantando algumas questões sobre a significação na linguagem, bem como discute a iconicidade e arbitrariedade da língua, o uso de classificadores e os sentidos presentes na enunciação desta. Já no capítulo 4 a autora apresenta um estudo léxico da Libras, ou seja, discute vocabulário, neologismos e mudanças ocorridas na Língua de Sinais.

O último capítulo deste material tem como objetivo apresentar a Libras em uma perspectiva discursiva de língua, em que os enunciados possuem um efeito constitutivo sobre os contextos. Vânia de Aquino Albres Santiago discute a Libras em uso, e os diferentes significados e sentidos presentes nos mais diversos contextos, visando oferecer ao leitor uma melhor compreensão quando da produção/discurso na língua de sinais.

Esperamos que este conjunto de textos desperte ainda mais o interesse do leitor para o aprendizado e a prática da Libras, que não é apenas uma outra língua, mas a base para a comunicação com pessoas surdas, bem como a marca de sua identidade em uma sociedade constituída por ouvintes e falantes do português.

Lara Ferreira dos Santos  
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda  
Organizadoras

# **UNIDADE 1**

Dicionários e manuais de língua de sinais:  
análise crítica das imagens



# Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens

Cássia Sofiato e Lucia Reily

## Introdução

Para que serve um dicionário? Uma pessoa que desconhece a linguagem em funcionamento poderia supor que o dicionário seja a chave de uma língua e que aquele que estiver de posse do dicionário poderia decifrar e dominar a língua. Na realidade, aprender uma língua utilizando um dicionário é uma estratégia equivocada, porque os sentidos são constituídos em estruturas, na interação social, não em fragmentos lexicais isolados. No entanto, quando uma língua não tem uma forma escrita de registro, o aprendiz se beneficia muito de um dicionário, no qual poderá consultar palavras isoladas, ampliando seu vocabulário.

Em nossa atuação docente no ensino de língua de sinais para alunos universitários, temos buscado disponibilizar uma variedade de dicionários e manuais ilustrados, para que os alunos possam conhecer os recursos existentes para a finalidade didática. Indicadas como fontes bibliográficas, as obras servem primordialmente de apoio para o estudo e para tentativas autônomas de produção dos mais variados itens lexicais. Desenhos, fotografias e formas híbridas são os recursos instrucionais e ilustrativos utilizados nos dicionários de sinais que se mostram fonte valiosa para consulta e para ensinar o usuário a realizar os sinais pertencentes à língua de sinais.

Ao observar os alunos de cursos de língua de sinais consultando tais obras, percebemos suas dificuldades em decifrar a forma correta (convencionalizada pelos surdos) de realizar os sinais apresentados nos verbetes, conforme as ilustrações. Sem a mediação anterior, sem passar pelo processo de demonstração/imitação, é muito difícil acertar, no caso de alguns itens. Percebemos que a comunicabilidade das imagens instrucionais não é tão transparente quanto os autores pretendem.

Se os verbetes para sinais da Libras<sup>1</sup> não são autoexplicativos, o que estaria atrapalhando? Seria a dificuldade de desenhar as mãos? Representar a tridimensionalidade? O movimento? A representação da expressão facial e corporal que acompanha o sinal e complementa o sentido? Para chegar em algumas respostas, mergulhamos numa pesquisa histórica na busca das primeiras tentativas de coletar os sinais e amestrá-los na forma de publicação.

---

1 Libras é a sigla utilizada para Língua Brasileira de Sinais.

## Ensaio histórico de produção de dicionários de sinais em mosteiros medievais

É provável que alguma forma de linguagem gestual sempre foi usada entre surdos, toda vez que houve agrupamento de pessoas que necessitassem de forma não oral de comunicação. No entanto, a sistematização e o registro gráfico e descritivo de sinais surgiu pela primeira vez na história da humanidade no contexto da constituição da vida monástica na Idade Média (REILY & REILY, 2003). Na virada do século V, duas ordens monásticas foram criadas: 1) a oriental, que baseou seu modo de viver nas Regras de São Basílio (São Basílio MAGNO, c. 370) e 2) a ocidental, que seguia as Regras de São Bento (SÃO BENTO, c.500). Ambas instituíram o Voto do Silêncio, para auxiliar os religiosos a manter um clima de reflexão e oração durante todo tempo, para levar a atitudes de subordinação, e também para criar uma barreira que impedisse a entrada de palavras mundanas. Nas comunidades beneditinas, o ócio era combatido; todos trabalhavam, então uma linguagem sinalizada surgiu como alternativa de comunicação nas tarefas cotidianas. Reily e Reily (2003) deduziram que as formas de alfabeto manual foram inventadas no contexto do *scriptorium*, no desempenho das escrituras (cópias) de textos (os evangelhos e outros textos bíblicos, breviários, saltérios, hinários, textos clássicos, além de documentos não religiosos como títulos de propriedade, doações, testamentos, documentos de contabilidade da abadia) e outros que eram empregados para acompanhar a liturgia pelos monges copistas. Para finalidade didática (para ensinar os noviços) e com enfoque missionário, para transmissão a outros mosteiros que iam aflorando, listas de sinais foram registradas e copiadas nos *Scriptoriae*. Durante os saques, guerras civis e perseguições religiosas da Alta Idade Média e Renascimento (Reforma e Contra-Reforma), e posteriormente por conta da Inquisição, muitos manuscritos foram queimados, mas alguns exemplares das listas de sinais monásticos sobreviveram, conforme coletânea publicada por Umiker-Sebeok e Sebeok (1987). Existem também listagens ainda em uso em mosteiros Trapistas, pois as ordens Cistercienses, fundadas no final do século XI buscaram viver a Regra de São Bento na autenticidade dos preceitos originais (Os Cistercienses: Documentos Primitivos, 1997).

Segundo Eriksson (1993), o primeiro registro monástico de sinais de que se tem notícia é da autoria do Venerável Bede (672-735), reconhecido pela história eclesiástica da nação inglesa (*The Ecclesiastical History of the English Natio and the lives of St. Cuthbert & the Abbots*, c. 737). O volume *De computo vel loquela digitorum* contém a mais antiga figura de numerais romanos representados nos dedos. O monge sugeriu que os numerais também poderiam representar letras.

O *Monasteriales Indicia* é um dos dicionários de sinais monásticos em inglês arcaico aos quais tivemos acesso, re-editado por Banham (1991), com tradução para o inglês moderno. Trata-se de um documento escrito ainda no século X, provavelmente, e apresenta 127 sinais acompanhados de descrições verbais dos movimentos manuais. Alguns são acompanhados de ilustrações no original. Percebe-se que o sinal de leigo, por exemplo, é parecido com o sinal para *Homem* na Libras atual.

Verbetes 126 – “O sinal para leigo é que pega-se no queixo com toda a mão, como se estivesse pegando na barba” (tradução nossa).

Na sua publicação, Eriksson (1993)<sup>2</sup> lista outros manuscritos monásticos, entre os quais temos os que seguem:

O *Thesaurus Artificiose Memororiae*, de Cosmas Rosselius, monge franciscano de Florença, em publicação póstuma datada de 1679, contendo cinco pranchas ilustradas e mostrando três variações de alfabetos unimanuais. Nas três versões, é evidente a tentativa de criar configurações manuais parecidas com as letras gráficas.

A obra *De Furtivis Literarum Notis* criado pelo italiano Giovanni Battista della Porta, (1535-c. 1610) e publicado em 1563, que propõe associar letras a partes do corpo, utilizando o apontar, assim Auris (orelha) = A; Barba = B; Caput (cabeça) = C; Dentes = D, e assim por diante. Pelo que se sabe, este recurso não foi utilizado na educação de surdos, mesmo porque os religiosos não aprovavam o apontar para partes do corpo.

A pequena obra *Refugium Informorum*, por el Padre Fray Melchior de Yebra, foi publicado postumamente. O autor era o frade franciscano espanhol Fray Melchior de Yebra (1526-1586), e produziu o manuscrito contendo 6 páginas de ilustrações de posições manuais, muitas das quais são parecidas com as grafias das letras. Nos países do sul da Europa, o uso da escrita manual era comum nos mosteiros, praticada na confissão, e com pacientes moribundos.

Nota-se, no entanto, que nenhum desses manuscritos e publicações citados por Eriksson chega a ser propriamente um dicionário, pois todos trazem sinais manuais das letras do alfabeto ou numerais, e não palavras/ verbetes. Apesar disso, servem para mostrar que as posições manuais são passíveis de representação figurativa e leitura quando a posição é estática, sem movimento. Os problemas de desenho e interpretação da imagem começam quando entram: 1) o movimento, 2) configurações manuais complexas e 3) expressão facial complementar.

---

2 Eriksson, pesquisador surdo, organizou um levantamento histórico ricamente ilustrado com objetivo de informar a comunidade surda sobre as origens da língua de sinais.

## As tentativas de criação de manuais ilustrados para educação de surdos

Existe uma grande lacuna na literatura sobre como os sinais monásticos ganharam passagem do contexto religioso para o contexto da educação dos surdos. Podemos especular com base científica que os sinais monásticos e principalmente o alfabeto manual foram aproveitados nos trabalhos pioneiros de educação de surdos realizados pelo monge Pedro Ponce de León (c. 1520-1584), mas os registros do seu método se perderam na Espanha, onde os conflitos civis e religiosos foram particularmente violentos, como evidencia Plann (1997).

O próximo trabalho publicado, *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*, foi da autoria de Juan Pablo Bonet (1620), mas suspeita-se que ele se apoiou, quiçá até plagiou, as imagens do alfabeto manual de Yebra; Bonet não tinha nenhum compromisso com a educação; era mercenário e trabalhou alguns poucos anos ensinando o filho surdo da família que fora servida anteriormente por Ponce de Leon. Bonet apresenta o trabalho como sendo original; não reconhece a contribuição da igreja, nem tampouco do monge. Seu livro não é um dicionário, mas seguindo a tradição monástica, contém um alfabeto manual, que mais tarde foi parar na mão do Abade Charles Michel de L'Épée, e por intermédio de Huet, que estudou no Instituto de Meninos Surdos de Paris fundado pelo abade, acabou chegando ao Brasil em meados do século XIX.

No percurso histórico da educação do surdo, diversas metodologias foram criadas, com maior ou menor ênfase na oralidade. No Século XVIII, em pleno iluminismo, havia um forte interesse na aprendizagem pelos sentidos, e com isso a floraram soluções envolvendo sentidos gustativos, visuais e gestuais como compensação da ausência da audição. O abade Charles Michel de L'Épée, fundador da primeira escola para alunos surdos em Paris a partir de 1776, por exemplo, investiu nos sinais, que ele considerava a língua natural do surdo. Para aproximá-la da gramática francesa, criou um sistema de sinais metódicos. Não chegou a publicar um dicionário, embora tenha se esforçado neste sentido, segundo Rée (2000). Sua metodologia inclui descrições verbais que exemplificam os complementos gestuais adicionados aos sinais simples para indicar a função gramatical do sinal. Sicard, que o seguiu no Instituto de Meninos Surdos de Paris na virada do século XIX, também enfrentou o desafio de representar os sinais visualmente, mas deixou a tarefa sem conclusão, como seu antecessor. O próximo a aventurar-se foi Bébien, que criou o alfabeto mimográfico. Este educador resolveu registrar também as expressões faciais, dividindo o rosto em oito regiões, e assinalando uma curva de formato diferente para cada uma. Foi mais uma proposta que não teve êxito.

Valade resolveu assumir o projeto em 1850, elaborando um dicionário descritivo da linguagem natural, projeto abandonado por Bébian vinte anos antes. Valade considerava a escrita mimográfica absurda e as notações de Bébian muito confusas, segundo Rée (2000). O trabalho de Valade consistia num dicionário de sinais manuais, que trazia uma lista de palavras-chave em francês, cada uma seguida de uma descrição verbal dos sinais gestuais naturais correspondentes. Eram adicionados, onde necessário, “symographs”, ou desenhos de traços estilizados, nos quais momentos sucessivos na execução de um sinal eram sobrepostos em uma única imagem. Este foi mais um projeto de dicionário de sinais abandonado.

As iniciativas de produção de dicionários e manuais de língua de sinais são inibidas em 1888 quando os representantes dos vários países no Congresso de Milão assinaram declaração estabelecendo o método oral puro como mais eficaz na educação e instrução de surdos. A partir de então, a metodologia oralista passou a imperar na Europa e nas Américas, do final do século XIX até 1960<sup>3</sup>, coibindo também a produção de dicionários de sinais para trabalhar com os surdos.

É por isso que no Brasil houve um grande intervalo entre o primeiro dicionário produzido em 1875 de língua de sinais (*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*), cuja autoria é de Flausino José da Costa Gama, surdo e ex-aluno do Instituto Imperial de Surdos-mudos no Rio de Janeiro, e o segundo dicionário, publicado pelo missionário americano Eugênio Oates em 1969. A inspiração para o projeto de Flausino foram as estampas do surdo Pierre Pélissier, professor de Paris, que ele entendia como um meio de os “falantes” conversarem com os surdos. Flausino era considerado um hábil desenhista na época em que produziu a referida obra, e conseguiu levar a cabo o projeto depois de aprender a técnica da litografia. Leite (1875) evidencia os objetivos da obra na introdução:

Vulgarisar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos mudos para manifestação dos seus pensamentos. Os pais, os professores primários, e todos os que se interessarem por esses infelizes, ficarão habilitados para os entender e se fazerem entender”. (GAMA, 1875, p.2)

Em 1969, foi lançado o segundo dicionário brasileiro por iniciativa do missionário americano Padre Eugênio Oates, pertencente à Congregação Redentorista. Nas suas viagens pelo país, interessou-se pela situação dos surdos e aprendeu a língua de sinais, dando início a uma pesquisa sobre a “comunicação

---

3 Em 1960, William Stokoe cria enorme polêmica ao afirmar e provar que a língua de sinais tem estatus de língua, dando argumentos para o movimento de afirmação do direito dos surdos à sua própria língua.

natural” que havia entre eles. Percebeu que havia diferenças lexicais nos sinais dos surdos de diversas regiões do Brasil, por isso elaborou o manual *Linguagem das Mãos*, com o intuito de ajudar os surdos brasileiros a se entrosarem na sociedade, promovendo melhora na vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa (OATES, 1989).

O livro de Oates começa com a datilologia, seguida de 1258 sinais. Os sinais são apresentados um a um, por meio de fotografias, e trazem um pequeno texto que descreve como o sinal deve ser realizado.

## **A tradição Iconográfica da língua de sinais brasileira**

Os materiais de língua de sinais selecionados para a análise neste estudo foram editados na região sudeste do Brasil e a escolha das obras está relacionada à sua representatividade junto às comunidades surdas da região. Produzidos em diferentes momentos históricos, são considerados por pesquisadores como referências na área da surdez.

Sabemos que muitos dicionários de língua de sinais que foram produzidos são resultado de uma coletânea de sinais efetuada por pessoas direta ou indiretamente envolvidas com a área. Assim sendo, a pesquisa realizada pelos autores foi um aspecto relevante para a escolha dessas obras. Outro fator preponderante foi a escolha do suporte para a representação visual da língua de sinais por parte do ilustrador.

Em termos de estrutura, as obras selecionadas também apresentam algumas outras características em comum: um destaque para a informação visual, a seleção de conteúdos lexicais que farão parte da obra, o uso de textos complementares com o objetivo de esclarecer ao leitor uma série de questões relacionadas à surdez, o destaque às histórias de vida de surdos, entre outros.

Analizamos as seguintes obras:

*Iconographia dos Signaes dos Surdos Mudos* de Flausino José da Gama (1875);

*Linguagem das Mãos* de Eugênio Oates, (1989);

*Linguagem de Sinais* da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, (1992);

*Comunicando com as Mãos* de Judy Ensminger, (1997);

*Meus Primeiros Sinais* de Paulo Favalli, (2000) e

*O Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue: Língua de Sinais Brasileira* de Fernando C. Capovilla e Walkíria D. Raphael, (2001).

As obras analisadas de línguas de sinais trazem em sua maioria, a ilustração pictórica ou a fotografia referente ao significado do sinal representado e, além disso, verificamos a presença da representação quirêmica, que corresponde à forma como o sinal é realizado, passo a passo. Geralmente trazem ainda o verbete correspondente em português para situar e orientar o leitor. Com o uso dessas estratégias, pretende-se ensinar a língua da comunidade surda.

Em todas as obras escolhidas, verificou-se a escolha de dois tipos de suportes para a representação da língua de sinais: o desenho naturalista e a fotografia. Para que a realização de uma obra de língua de sinais possa se efetivar, é necessário a escolha de um profissional competente que realize a ilustração do material, respeitando todas as características intrínsecas a essa língua espaço-visual, pois além da liberdade poética conferida a cada um durante a preparação da obra, tem que se levar em conta a objetividade deste tipo de trabalho: o desenho de uma informação estabelecida por uma convenção. Trata-se da criação de uma imagem instrucional<sup>4</sup> e como tal essa deve cumprir a finalidade a que se propõe: transmitir uma informação<sup>5</sup>. Parece-nos que este é um aspecto que ainda merece cuidados na produção de materiais de línguas de sinais. Tal afirmação baseia-se na avaliação da qualidade dos materiais produzidos, que em alguns casos não cumprem com o objetivo principal, que seria o de ensinar a língua de sinais sem a ajuda de um mediador. Alguns apresentam um aspecto rudimentar e pouco profissional, devido ao cuidado insuficiente no uso de técnicas específicas para a sua elaboração e à falta de valorização de aspectos estéticos. A qualidade das imagens é um aspecto que merece mais atenção por parte dos autores e ilustradores, pois a imagem em si é um elemento essencial neste tipo de publicação.

Verificamos também uma série de dificuldades relacionadas à representação das configurações de mãos. De acordo com Stokoe (1960), essas configurações dizem respeito à forma que a(s) mão(s) assume(m) ao realizar um determinado sinal. Alguns ilustradores optam por desenhar ou fotografar as mãos vistas conforme a posição que elas assumem ao serem sinalizadas, outros já preferem desenhá-las sob um outro ângulo de visão que facilite o aprendizado do sinal e isso constitui um impasse para o leitor, se ele tiver acesso a vários materiais ao mesmo tempo. Sem a presença de um mediador, é difícil saber qual é a posição correta para a produção manual do sinal. Algumas letras são mais difíceis de serem identificadas devido à forma como são representadas, a saber: o “T”, o “Q”, o “H” e o “F”.

---

4 Empregamos nesse trabalho o termo “instrucional” como nos sugere Gombrich (1999) para designar as imagens que têm por objetivo a transmissão específica de uma informação.

5 Frutiger (2001) diz que, quando nos referimos às imagens que têm por finalidade a instrução, ou seja, a explicação para uso dirigido de algo, notamos a necessidade da reprodução mais real possível, de forma a facilitar o aprendizado.

Alguns ilustradores desconhecem a importância atribuída à “localização das mãos”, termo utilizado por Fernandes (2003), ou o local de onde incidem os sinais. Muitas vezes, o enquadramento escolhido não destaca as mãos e as partes do corpo que deveriam estar em evidência durante a realização de determinados sinais. Além disso, o uso da expressão corporal e facial também deveria ser salientado, uma vez que são elementos intrínsecos que reforçam o sentido durante a produção dos sinais. Pudemos perceber que em algumas das obras analisadas esse aspecto também não é valorizado. Observamos “cortes” na cabeça ou em outras partes do corpo do modelo e o uso de expressões que não condizem com o que está sendo representado ou até mesmo a ausência delas. Por meio da análise das obras, pudemos verificar também que os ilustradores não contam com um espaço amplo onde possam representar os sinais. Na maioria das vezes, as imagens não são valorizadas quanto ao tamanho e apresentam-se muito espremidas. O espaço utilizado tem que ser dividido com outras formas de representações gráficas, tais como as legendas e as descrições do movimento.

O uso de legendas está sempre presente nas obras estudadas e têm a finalidade de explicar ao leitor a forma de realização dos sinais associada à imagem que geralmente aparece junto. A associação da imagem e da legenda é vista como uma *solução* neste tipo de material. O leitor que teve acesso à linguagem escrita pode se beneficiar com tal recurso se a imagem não bastar para ele conseguir fazer o sinal apresentado, mas não podemos afirmar que a referida estratégia garante a realização eficaz dos sinais por todos. E no caso das pessoas que não são alfabetizadas, que é a realidade de muitos surdos? Sabemos que o acesso à língua será limitado também devido a este fator.

Encontramos ainda uma série de dificuldades relacionadas à representação do movimento presente em muitos sinais. Esse aspecto é também um desafio para ilustradores experientes e, como nos aponta Gombrich (1999), este é um obstáculo para os profissionais que trabalham com imagens instrucionais. Essa tarefa torna-se difícil porque os ilustradores têm que transformar os fluxos de movimentos presentes na realização dos sinais numa sequência de posições fixas. Passar do plano tridimensional para o plano bidimensional exige o uso de técnicas próprias da área do desenho e da fotografia. Neste caso, as soluções encontradas pelos ilustradores ou fotógrafos de materiais de línguas de sinais estão relacionadas ao uso de elementos visuais que, acoplados à imagem, teriam a finalidade de elucidar a direção e a qualidade do movimento. Para isso, setas são incluídas em muitas ilustrações e fotografias e também desempenham o papel de vetores, tentando indicar a direção que se deve obedecer para que se realize corretamente o sinal. Mas existem também outros recursos que são incorporados à imagem com a finalidade de demonstrar a movimenta-

ção, quando necessário: “curvinhas”, “zigzagues”, “círculos” e desenhos de trajetória de movimento com o uso de pontilhados.

Alguns ilustradores apresentam como estratégia uma sequência de imagens que revelam a evolução do movimento durante a produção de um determinado sinal. Gombrich (1999) salienta que esses profissionais devem aprender a isolar os ‘blocos’ e mostrar a ação do melhor ângulo durante a representação de uma sequência. As várias soluções utilizadas tentam minimizar o desafio do ilustrador frente ao movimento, mas nem sempre são bem sucedidos durante a interpretação dos sinais e a tentativa de execução. A sistematização dessas pistas gráficas por meio de uma legenda no início do volume auxiliaria o leitor a interpretar a instrução pretendida. Entre as obras brasileiras analisadas, apenas o *Dicionário Enciclopédico Trilingue: Língua Brasileira de Sinais* de Capovilla e Raphael (2001) teve o cuidado de incluir este tipo de explicação para o leitor.

## Discussão

Quase a totalidade dos dicionários foram elaborados por ouvintes, que acabam fazendo as escolhas que dizem respeito à sua estruturação e organização, baseados em suas experiências com outros dicionários apresentados em sua modalidade de língua, a língua oral.

Não obstante termos Flausino (1875) como precursor da uma iconografia para a língua de sinais brasileira, a presença do surdo durante a elaboração das obras, quando ocorre, é tímida e não proporciona uma mudança significativa na sua apresentação, pois a constituição dos materiais continua seguindo o padrão utilizado para a língua de modalidade oral. Não podemos negar que existem obras brasileiras dessa natureza de autoria de surdos, mas como pudemos observar, a forma de elaboração dos referidos materiais também tem como referência os diversos dicionários criados pelos ouvintes. Desta forma, parece-nos que existe uma tradição em elaborar dicionários seguindo os modelos de estrutura já existentes, tarefa iniciada por Flausino em 1875 no Brasil e perpetuada até os dias de hoje. Se os surdos fossem autores ou ilustradores, e estivessem à frente da elaboração dos diversos materiais de língua de sinais existentes, sem a influência dos paradigmas estipulados pelos ouvintes, talvez a sua forma de estruturação fosse totalmente diferenciada. O tratamento dado à informação visual e a forma de indexar o léxico obedeceriam a outros critérios de organização, por causa da facilidade de raciocínio em outras linguagens por meio de suas experiências visuais.

A elaboração de obras impressas de línguas de sinais é um problema que vem sendo demonstrado desde as primeiras formas de representação dessa

língua ao longo da história. E diante disso, alguns estudiosos da área e até mesmo instituições que se dedicam ao trabalho educacional de surdos decidiram enfrentar essa dificuldade de forma “inovadora”, mediante a elaboração de dicionários virtuais, geralmente em forma de CD Rom. O uso de tal tipo de recurso para a representação da língua de sinais favorece alguns aspectos relacionados aos *parâmetros* que constituem a língua, tais como: a melhor visualização das configurações de mãos exigidas para a realização do sinal desejado; a ênfase da expressão facial e corporal durante a realização de um determinado sinal; a compreensão da trajetória do movimento necessário a alguns sinais; a “localização das mãos” que fica mais evidenciada, pois existe uma cena da qual o modelo faz parte, embora se evidencie apenas a região da cabeça, do pescoço e do tronco.

Mas, apesar de todo aparato tecnológico, algumas pessoas ainda têm dúvidas na hora de realizar os sinais de acordo com o modelo apresentado. Ademais, o uso desse tipo de recurso só será possível se a pessoa interessada tiver acesso a um computador compatível com as exigências dos programas utilizados. Sabemos que, infelizmente, esse fator também é determinante ao acesso à língua, pois muitas pessoas e muitos ambientes educacionais não contam com esse recurso. Além do mais, em determinadas situações, o uso do material impresso em forma de dicionário, manual ou livro é mais prático, devido à facilidade de transporte, rapidez durante o manuseio pela busca do sinal e por ser financeiramente mais acessível.

## **Conclusão**

O intuito deste estudo não foi o de desconsiderar as inúmeras tentativas de representação da língua utilizada pelos surdos, mas mostrar os fatores que impedem um melhor aproveitamento por parte dos leitores que se apóiam em obras destinadas ao ensino de tal língua.

Sabemos que a criação de um material dessa natureza é uma tarefa exigente, que envolve muitos cuidados relativos ao tratamento da informação que se deseja transmitir, que nesse caso é visual. Os fatores que interferem diretamente na iconografia da língua de sinais merecem atenção especial por parte dos envolvidos com a questão da representação pictórica ou os que utilizam a fotografia como suporte. Sabemos que, em outras áreas do conhecimento, o uso das imagens em materiais impressos ou multimídia também é bastante corrente, e que muitos ilustradores, quando se deparam com desafios relativos à questão da representação por uma série de impedimentos, buscam formas de se aperfeiçoarem, para realizarem o trabalho da maneira mais adequada possível. Isso deveria ocorrer também quando os materiais impressos de língua

de sinais fossem lançados, pois vemos que muitas vezes as pessoas que participam da elaboração desses materiais não conhecem em profundidade a área da surdez e muito menos as características da língua de sinais, língua espaço-visual, com estrutura e funcionamento próprios.

A despeito de todas as questões apontadas e discutidas neste estudo, estamos diante de um problema de difícil solução. De um lado, existe ainda a necessidade de produção de materiais de língua de sinais na forma de material impresso, e, de outro, o processo de registro dessa língua em uma dimensão visual e quiroarticulatória é altamente complexa.

Concluimos que ainda faltam estudos específicos na área e tentativas mais assertivas de representação, baseadas em enfrentamento do desafio e capacidade de inovação. A intersecção com outras áreas do conhecimento, mais especificamente a contribuição que as Artes Visuais podem fornecer, seria um grande passo para a melhoria destes materiais imprescindível para a educação de surdos.

## Referências

- BANHAM, Debby (org.). *Monasteriales Indicia*. The Anglo-Saxon monastic sign language. Pinner, Reino Unido: Anglo-Saxon Books, 1991.
- BEDE, The Venerable. (c. 737). *The ecclesiastical history of the English nation & the lives of St. Cuthbert & the Abbots*. Dutton, Nova York: Everyman's Library, 1965).
- CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário enciclopédico trilíngüe: língua de sinais brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2001, vol. I e II.
- ENSMINGER, J. *Comunicando com as mãos*, 1987.
- ERIKSSON, Per. *The history of Deaf People. A source book*. Trad. James Schmale. Örebro, Suécia: Daufr Deaf History, 1993.
- FAVALLI, P. *Meus primeiros sinais*. São Paulo: Panda, 2000.
- FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FRUTIGER, A. *Sinais e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GAMA, Flausino José da C. *Iconographia dos Signaes dos Surdos mudos*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & S. Laemmert, 1875.
- GOMBRICH, E.H. *The uses of images: studies in the social function of art and visual communication*. Phaidon: London, 1999.
- Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em [www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br). Acesso em: 28 ago 2011.
- L'ÉPÉE, Charles Michel de. (sem data). *L'art d'enseigner a parler aux sourds-muets de naissance* augmenté de notes explicatives et d'un avant-propos par M. L'Abbé Sicard. Paris: J.G. Dentu.

- MOORES, Donald E. *Educating the deaf: psychology, principles and practices*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1987.
- OATES, Eugênio. *Linguagem das mãos*. Aparecida do Norte: Santuário, 1989.
- OS CISTERCIENSES: Documentos Primitivos. De Place, Irmão François (Introdução e Bibliografia). Trad. Irineu Guimarães. São Paulo: Musa Editora, 1997.
- RÉE, Jonathan. *I see a voice: deafness, language and the senses - a philosophical history*. New York: Henry Holt and Company, 2000.
- REILY, Duncan Alexander. *Ministérios femininos em perspectiva histórica*. 2ª ed. São Bernardo do Campo: Editeo e CEBEP, 1997.
- REILY, Lucia & REILY, Duncan Alexander. A constituição da língua de sinais e do alfabeto manual na igreja monástica. *Anais do 26º Reunião Anual da ANPEd*. (Cd.), Caxambu, MG: 2003.
- SÃO BASÍLIO MAGNO. (c. 370) *As regras monásticas*. Trad. Ir. Hildegardis Pasch e Ir. Helena Nagem Assad. Petrópolis, Vozes: 1983.
- SÃO BENTO. (c. 500). *A Regra de São Bento*. Trad. Dom Basílio Penido. Petrópolis, Vozes: 1993.
- SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. *Linguagem de sinais*, 1992.
- STOKOE, William C. *Language in hand: why sign came before speech*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2001.
- UMIKER-SEBEOK, Jean e SEBEOK, Thomas A. (org.). *Monastic Sign Languages*. New York: Mouton de Gruyter, 1987.

# UNIDADE 2

A construção dos sinais e sua mobilidade  
específica



## **A construção dos sinais e sua mobilidade específica**

Neiva de Aquino Albres

### **A cada sinal um por...vir (provisoriedade)**

Procuramos neste trabalho, levantar algumas questões sobre a significação na linguagem. Para Bakhtin (1992) há uma mobilidade específica da forma linguística e os falantes da língua se atem ao elemento linguístico em condições de enunciações concretas. Tal pensamento muda substancialmente a forma de compreender o uso da linguagem como se percebe nas próprias palavras de Bakhtin (1992):

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma lingüística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma lingüística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma lingüística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor. (BAKHTIN, 1992, p. 92 e 93)

É na interação com o outro, em um determinado contexto e tempo específico que os sinais vão tomando significado. Nesse processo procuramos compreender a fala do outro com quem conversamos, levando em consideração as pessoas envolvidas, suas funções sociais e os discursos “atravessados” neste novo discurso.

Para Dias (2010) “o problema fundamental da semântica reside na dificuldade de conciliar-se a polissemia da palavra com sua unicidade” (DIAS, 2010, p. 100). Na perspectiva da abordagem semântico-enunciativa é impossível constituir significação da palavra ou do sinal da língua de sinais sem que seja construída dentro de uma enunciação.

Especificamente, a enunciação constitui-se, do ponto de vista de Bakhtin (1992) em um signo variável e flexível, sendo orientado pelo contexto e por uma situação precisa.

O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor, pertencente à mesma comunidade lingüística, também considera a forma lingüística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo. (BAKHTIN, 1992, p. p.93)

Trataremos a seguir da descrição da forma dos sinais, trazendo os estudos lingüísticos sobre a particularidade das línguas de sinais, como a iconicidade e arbitrariedade. No decorrer do texto avançamos para a orientação dos sinais da libras por uma situação de mundo. A enunciação permite o movimento do significado do sinal. Há uma relação dialética entre a estabilidade do significado do sinal compartilhado pelos falantes da língua, que nos permite o reconhecimento do sinal como mesmo signo em diferentes enunciações, e a mobilidade a depender da especificidade de situações enunciativas.

### **Sinal<sup>1</sup>, o que te motiva?**

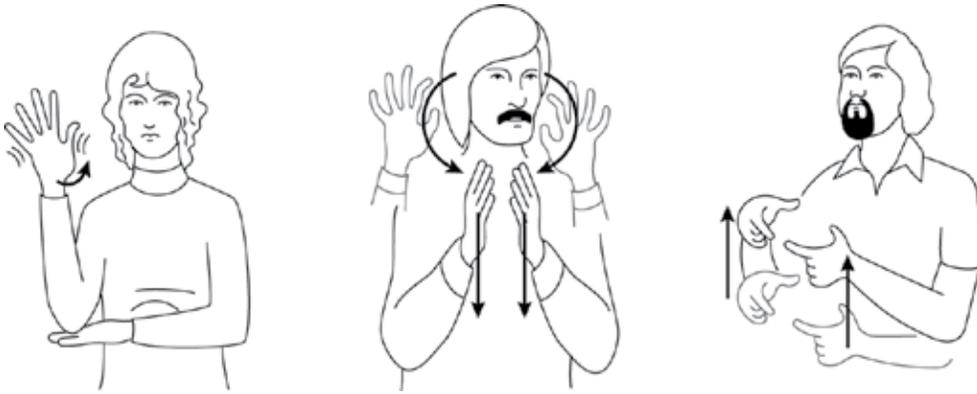
#### **Iconicidade e arbitrariedade**

A **iconicidade** é a propriedade das palavras ou dos sinais de tomar como base para sua criação as características físicas do referente, parte ou todo o referente, ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente (ALBRES, 2008).

Klima e Bellugi (1979) desenvolveram as primeiras descrições sobre a propriedade das línguas de sinais. Comparando diferentes línguas de sinais, afirmam que todas elas fazem uso da iconicidade para a produção dos seus sinais. Embora o sinal de línguas de sinais de diferentes nacionalidades sejam distintos para um mesmo referente, como no exemplo abaixo, para “ÁRVORE”, todos eles possuem alguma iconicidade. Esses estudiosos afirmam existir um laço de universalidade na concretude da língua de sinais.

---

1 Estamos usando o termo palavra/sinal no sentido de signo lingüístico que instrumentaliza o pensamento do homem. No caso das pessoas ouvintes que falam português o instrumento é a palavra, já no caso de pessoas surdas o signo lingüístico é gestual-visual, ou seja, é o sinal. O subtítulo é uma pergunta feita a própria palavra ou ao próprio sinal. De onde vem? Dando a alusão à proporção VIVA da palavra/sinal, à discussão da motivação dos signos lingüísticos.



Fonte: Klima, E. & Bellugi, U. (1979).

Vemos no exemplo acima, que a Língua Americana de Sinais – ASL toma para si a representação da árvore como um todo, ou seja, sua base, tronco e copa. Por sua vez a língua de sinais dinamarquesa também representa o tronco e copa, mas fazendo uso de outra produção articulatória. Já a língua de sinais chinesa toma como motivação para construir o sinal de árvore apenas parte do referente, ou seja, o seu tronco.



ÁRVORE

Língua Brasileira de Sinais

FONTE: Albres (2008).

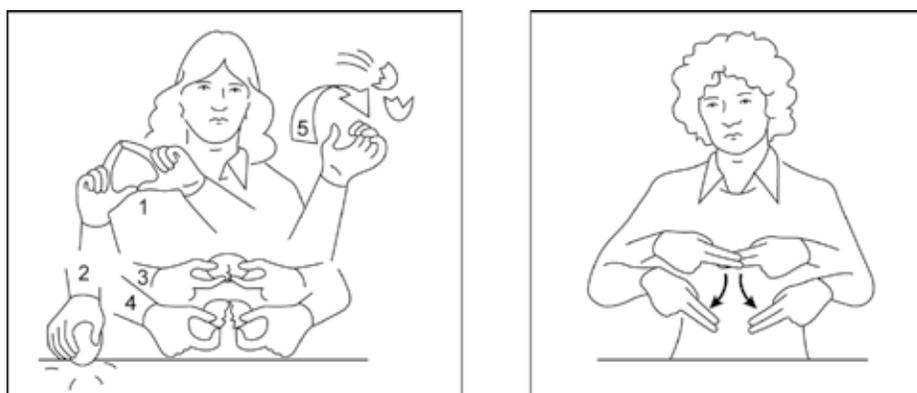
No Brasil a Língua Brasileira de Sinais, assim como Língua Americana de Sinais, para esse sinal, construiu um sinal icônico tendo como motivação o tronco, a copa e a base.

Um conceito importante de ser introduzido é o de *arbitrariedade*. Apesar da possibilidade de alguns sinais terem motivação em características do que representam, os sinais não são os objetos que representam. Dessa forma cada comunidade linguística pode, ao relacionar-se com esse referente, escolher qualquer parte dele ou qualquer outro signo distante de qualquer associação/

relação com o referente. Isso significa que a palavra ou o sinal de uma língua não se prende simplesmente pela sua representatividade, mas depende de uma produção social-coletiva para a construção dessa significação na língua.

Seguindo as proposições de Quadros e Karnopp (2004) “toda arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo seleciona um traço como característica do sinal, outro grupo pode selecionar outro traço para identificá-lo” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 32). Dessa forma, podemos afirmar que **existe uma gradação desta iconicidade ou até mesmo sua ausência.**

Klima & Bellugi (1979) revelam ainda a distinção entre pantomima e os sinais das línguas de modalidade gestual-visual. Definem que as pantomimas são significativamente mais longas e consideravelmente mais variáveis do que os sinais da ASL para a mesma palavra. Na imagem seguinte apresentam a palavra OVO, sendo esta representada primeiramente por uma pantomima e em seguida pelo sinal padronizado da ASL.



Fonte: Klima, E. & Bellugi, U. (1979).

A possibilidade do sinal da língua de sinais ter sido, em sua origem, motivado por alguma característica física ou relacional do objeto não significa que o sinal e o objeto que ele nomeia formam uma estrutura única.

Para Vygotsky (2001b) “a palavra é uma generalização, uma forma de representar a realidade na consciência” (2001b, p. 407). Considera ainda que existe uma inconstância e mutabilidade dos significados da palavra e do seu desenvolvimento em cada sujeito.

Dessa forma, independente da motivação para a produção articulatória do sinal, a relação articulatória e semântica não são uma unidade imediata para os falantes da língua de sinais, não diferenciada no discurso nem conscientizada. Muitos sinais icônicos perderam sua historicidade de motivação articulatória e, dependendo da idade e experiências de cada sujeito, esse significado pode vir a ser mutável, pode ter diferentes complexidades.

Apesar dessa complexidade da língua, aprendizes dela como segunda língua, geralmente, recorrem à associação da produção articulatória com o referente para aprender o sinal. No Brasil é comum dizer que toda produção articulatória manual que toma o formato do objeto é CLASSIFICADOR. Uma pesquisa bem detalhada sobre esse processo descreve que há diversos tipos de classificadores.

Para Emmorey et al. (2004) “classificadores nas línguas de sinais são geralmente configurações de mão que funcionam como morfemas e construções de classificador são predicados complexos que podem expressar algum ou todos os seguintes: *movimento, posição, descritivo-estático, ou informação de manuseio*” (EMMOREY et. al., 2004, p. 12).

Há quatro tipos de classificadores propostos pela Emmorey (et al, 2004):

1. Classificadores de entidade inteira (*Whole entity classifiers*)

São usados como predicado de algo sobre entidades inteiras, como uma pessoa ou uma moeda ou um grupo de entidades vistas como um todo, como uma pilha de moedas. Esses morfemas se referem a um objeto como um todo, como um carro, uma pessoa, um lápis ou um pedaço de papel.



MESA

Língua Brasileira de Sinais

FONTE: Albres (2008).

2. Verbos de instrumento ou manuseio<sup>2</sup> (*Handling/instrument classifiers verbs*)

São usados em verbos que denotam um agente animado usando a(s) mão(s) para segurar uma entidade ou manusear um instrumento que não seja a

<sup>2</sup> Temos um grande problema no processo de tradução. Autores brasileiros para o termo “instrument classifier verbs” traduziram como verbos manuais. Consideramos que essa opção fica muito estranha, porque para todos os verbos usamos as mãos e são manuais. Por isso, assumimos a tradução verbos de manuseio que indica de forma melhor o sentido de manusear um instrumento.

mão (por exemplo, faca, arma). Verbos de Manuseio representam iconicamente uma entidade como um todo, mas implica semanticamente em um agente que manuseia a entidade.



ESCOVAR-CABELO

Língua Brasileira de Sinais

FONTE: Albres (2008).

O sinal acima representa uma pessoa escovando os cabelos, tendo em sua produção articulatória a condição de segurar a escola e o movimento de cima para baixo representando a ação de escovar.

### 3. Classificadores de membros (*Limb classifiers*)

A categorização de classificadores observando a funcionalidade pode auxiliar na compreensão geral de classificadores. A classificação geral das categorias inclui: a configuração de mão representa membros de humanos ou animais (por exemplo, pernas, pés, patas).



PESSOA-ANDANDO

Língua Brasileira de Sinais

FONTE: Albres (2008).

O sinal acima representa uma pessoa andando, tendo em sua produção articulatória a expressão de dois dedos para baixo representando as pernas de quem anda.

#### 4. Descrição Geométrico-Visual (*Visual-Geometric Description*)

Para os classificadores, a configuração de mão, movimento, localização e orientação da palma representam o formato do objeto ou a descrição de algo. Profundidade, largura, e condições de superfície também podem ser explicadas nessa categoria.



SALA

Língua Brasileira de Sinais

Fonte: Albres (2008, p. 18).

O sinal acima representa um espaço quadrado, pelo movimento da mão ao contornar o quadrado refere-se a uma descrição geométrico-visual. Tal sinal pode significar: “sala”, “quarto”, “espaço”, “quadrado”, “caixa”, entre outros.

“Além disso, substantivos em ASL que denotam ferramentas ou objetos manipuláveis são muitas vezes derivados de verbos de manuseio. Para verbos de manuseio, o próprio objeto é representado pelo articulador e o movimento do sinal reflete o movimento estilizado da ferramenta ou prática.” (EMMOREY et. al., 2004)



COPO/BEBER

Língua Brasileira de Sinais

Fonte: Albres (2008).

Alguns sinais, conforme mostra a figura acima, tem em sua significação uma sombra de ambiguidade, uma vez que pode representar pela configuração de mão a descrição do próprio objeto (um cilindro) ou como a mão segura o objeto. Pelo movimento pode-se compreender que o sentido pretendido pode ser o verbo beber.

Pode-se pensar que dessa forma, pela iconicidade e por um único sinal ter vários sentidos ser mais fácil aprender língua de sinais. Engano seguir esta afirmativa, visto que, apesar da língua de sinais ter a propriedade de iconicidade, ela depende da convenção dos falantes da língua e do contexto de cada enunciado, assim como qualquer outra língua natural.

A iconicidade depende da convenção, qualquer escolha icônica é ao mesmo tempo arbitrária. Uma comunidade social cria suas convenções a depender de sua condição histórico e social.

Para **Vygotsky** (2001b) “o significado da palavra é uma unidade indecomponível do pensamento e da linguagem [...]. Assim, o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno do discurso e intelectual” (**VYGOTSKY**, 2001b, p. 398). Na tentativa de aprender outra língua, partimos de nossa condição social, a qual orienta nossa compreensão, que permite nossa leitura de mundo, desta forma, na perspectiva bakhtiniana, o exercício de colocar-se no lugar do outro é tão complexo que requer um deslocamento abstrato.

Vemos a cidade e o mundo através do prisma de nosso meio social concreto que nos engloba [...] é preciso supor, além disso, um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica de um grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa mora, do nosso direito (BAKHTIN, 1992, p. 112).

Por tudo que vimos até aqui, podemos dizer que os surdos criaram uma língua diferente da língua dos ouvintes, os achados linguísticos nos trazem elementos de reflexão sobre essa produção também humana, a partir de sua condição não auditiva, de sua condição essencialmente visual, a partir de seu lugar histórico, de seu modo de olhar.

Cada grupo social, por seus valores, pela sua forma de ver o mundo produz sua língua e transforma-se pelo uso dela. Vejamos o exemplo abaixo, a convenção para um sinal de GOIABA em duas regiões do Brasil.



GOIABA (Sinal usado em São Paulo – SP)

Língua Brasileira de Sinais

FONTE: Albres (2008).

Pela comunidade surda de São Paulo – SP foi escolhido para motivação do sinal o formato da fruta, por ter uma polpa interna e uma massa externa.



GOIABA (Sinal usado em Campo Grande – MS)

Língua Brasileira de Sinais

FONTE: Albres (2008).

Já para a comunidade surda de Campo Grande MS a motivação esteve relacionada ao formato da fruta (redondo) e pela condição de que em seu processo de apodrecimento ter larvas em seu interior. Por isso, a afirmativa de que a língua é arbitrária, pois ela está determinada pela convenção de seus falantes.

Mesmos que os falantes da língua tenham um bom estoque social dos signos disponível na língua que usam, a palavra ou sinal é produto da interação do locutor com o interlocutor, a “palavra é território comum”. (BAKHTIN, 1992)

Desta forma, o interlocutor é dono da outra parte da palavra, no momento de comunicação estamos passando por uma zona fronteira. Assim, não se aprende uma língua conhecendo o vocabulário cristalizado em um dicionário. Para além das palavras há os sentidos de um sinal que podem, a todo o momento, tomar outros rumos.

## **Sentidos outros pretendidos com os sinais**

Para Vygotsky (2001) “o *sentido* de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim sendo, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa e tem várias zonas de estabilidade variada.” O *significado* é uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto do discurso. Para Vygotsky, no discurso há uma potência do sentido:

O sentido real de uma palavra é inconstante, pois, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. [...] Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido (VYGOTSKY, 2001b, p, 463)

O significado de uma palavra ou sinal é um conceito ou uma generalização que transita em um âmbito mais coletivo, seguindo uma convenção. O significado, como fenômeno do pensamento, tem nas palavras evolução dos conceitos, elevando a conceitos mais abstratos. (VYGOTSKY, 2001)

A questão é que como falantes de uma língua não transitamos apenas com o campo do significado, mas também com o campo do sentido. Os estudos sobre línguas de sinais recentemente passaram a olhar para os diversos significados pretendidos com os sinais, pesquisas mais precisamente sobre a significação dos sinais observam discursos em contextos reais de uso da língua.

Wilcox publica seu primeiro estudo sobre metáfora na Língua de Sinais Americana - ASL na década de 1990. A autora tomou como base os estudos de Lakoff e Johnson (1980) sustentando que uma conceitualização abstrata é

tomada pelo uso de termos concretos – físicos. Dessa forma, as ideias abstratas revelam o conhecimento que o homem tem sobre o manuseio dos objetos do mundo.

Em 2000 Wilcox publica o livro “*Metaphor in American Sign Language*”. Ela desenvolveu um mapeamento das metáforas em ASL e chegou às seguintes categorias de análise:

*Primeiro grupo - ideias são objetos e a mente é um contêiner:* ideias são objetos sujeitos à força física, ideias são objetos manipuláveis ou colocáveis em algum lugar, ideias são palpáveis, ideias são objetos que podem ser cuidadosamente discriminados e selecionados.

*Segundo grupo: metáforas estruturais:* as ideias têm uma relação com a configuração da mão. (WILCOX, 2000)

Em outra pesquisa em que analisa o discurso de um surdo americano, Wilcox (2004) revelou que alguns verbos podem representar outros significados, nada ou pouco convencionais.

O exemplo abaixo é citado pela autora, em que a mente humana comparada a um computador e transgride os significados dos sinais isolados ABRIR COMPUTADOR/CABEÇA.

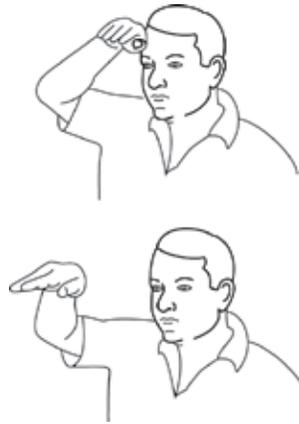


TO-OPEN COMPUTER

*American Sign Language*

Fonte: (WILCOX, 2004, p.203).

Nesse caso, a mente é comparada a um contêiner, um lugar onde pode se guardar informações e no caso da sinalização analisada, pode-se abrir esse recipiente (cabeça/mente) como no sinal registrado acima.



PRINTOUT (paper ejects from forehead)

*American Sign Language*

Fonte: (WILCOX, 2004, p.205).

No segundo exemplo, “PRINTOUT”, o surdo ainda em comparação da mente com um contêiner, agora uma impressora, usou a mão em formato de plano e fino para representar iconicamente uma folha de papel que sai da impressora. Mas, esse pedaço de papel sai de sua testa no sentido de que o homem produz e imprime conhecimento, de que coisas/histórias saem de sua mente.

Para Viotti (2006) o estudo do significado é feito pelo campo de pesquisa da semântica e pela pragmática. Considera que ao compararmos o português e a língua de sinais brasileira, vemos que palavras como *abandonar*, *abdicar*, *largar* (entre outras) correspondem a um único sinal da Libras. Considera ainda que, conceitualizações diferem com respeito ao nível de detalhe que elas envolvem.

Em outro trabalho desenvolvemos um levantamento de expressões da língua brasileira de sinais, sendo algumas destas formadas por metáforas. O objetivo era a comparação da Libras com a língua portuguesa (ALBRES, 2006)<sup>3</sup>. As expressões foram categorizadas da seguinte forma:

1. Expressões equivalentes nas duas línguas e com significados iguais, por exemplo, /DINHEIRO-VOAR-BOLSO/, significando que se gasta o dinheiro rapidamente, que nem se percebe e o que tinha economizado já foi usado para pagar alguma conta.

<sup>3</sup> Esse levantamento foi elaborado para a produção da oficina sobre interpretação de Libras na Associação de Intérpretes de Mato Grosso do Sul. O primeiro levantamento foi resultado do registro em caderno de campo a partir de conversação com e entre surdos e da sua experiência como usuária da língua. A parte prática da oficina favoreceu ao compartilhamento das possibilidades de interpretação da Libras para o português de tais expressões.



DINHEIRO-VOAR-BOLSO

Língua Brasileira de Sinais

Fonte: ALBRES (2006, p.2).

2. Expressões equivalentes nas duas línguas com significados diferentes, por exemplo, /COROA/, que significa em português “mulher mais velha, mas enxuta” e em Libras “pessoa entendida em um assunto”.



COROA

Língua Brasileira de Sinais

Fonte: ALBRES (2006, p.4).

3. Expressões diferentes na produção linguística das línguas, mas com significados equivalentes, por exemplo, “pegar no flagra” em português e /VER-HORA/ na Libras, onde existe uma correspondência perfeita de ideias, mas não nas formas usadas para representá-las.



/VER-HORA/ +movimento brusco

Língua Brasileira de Sinais

Fonte: ALBRES (2006, p.16).

4. Expressões específicas da língua de sinais sem equivalência no português e no processo da interpretação é necessário recorrer à explicação.



DIMINUIR-NÍVEL-CABEÇA

Língua Brasileira de Sinais

Fonte: ALBRES (2006, p.4).

Vamos partir do que o estudante provavelmente conhece em português, temos metáforas em português que comparam o processo de encher um recipiente e ao ser transbordado ter o sentido de “estar cheio” de “não aguentar mais”, ou mesmo de uma pessoa inconveniente, esse é um sentido comum entre língua de sinais e língua portuguesa. Todavia, a noção contrária não é usada em português, a analogia de que ao /DIMINUIR-NÍVEL-CABEÇA/, que ao se diminuir o nível desse líquido no recipiente, no caso, na mente isso traria tranquilidade, alívio etc. Essa expressão é própria da língua de sinais.

Estudamos até aqui que os significados dos sinais estão estabelecidos socialmente, todavia o significado dos sinais é largo e pode, sim, um sinal incorporar mais de um significado compartilhado socialmente. Há zonas conceituais, ou seja, há formas de recortar e circunscrever os conceitos.

Dessa forma, as expressões idiomáticas normalmente têm um significado preciso, o que não ocorre em geral com as metáforas. Além disso, para compreender o significado de uma expressão idiomática, normalmente não se precisa levar em conta o significado literal da frase. Já na metáfora há uma concepção intuitiva de que se está falando de uma “coisa” como outra “coisa”.

Apesar de ser possível desenvolver um levantamento significativo das metáforas empregadas em uma língua e das expressões idiomáticas produzidas por uma cultura, a cada novo discurso essa mesma metáfora estará em “suspensão”, pois dependerá do momento da enunciação, dos interlocutores envolvidos para a construção do sentido deste novo discurso.

Para Bakhtin (1992) “o sentido da palavra é totalmente determinada por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis” (BAKHTIN, 1992, p. 106). O receptor tem um papel ativo de perceber a cada enunciado seu caráter de novidade e construir a significação deste enunciado.

A língua é um por vir constante, a cada diálogo nos damos conta das possibilidades do uso das palavras ou dos sinais.

## **Considerações finais**

Os estudos sobre Língua Americana de Sinais abriram novos campos de estudos para outras línguas de sinais usadas no mundo. A comprovação de que línguas de sinais eram línguas naturais instigou linguistas para a tomada dos fenômenos em diferentes níveis de análise (fonologia, morfologia, sintaxe etc.) como objeto de estudo.

O desafio dos primeiros linguistas foi apontar a existência de elementos universais e diversos aos das línguas até então estudadas, as línguas orais. Nas descrições linguísticas o tratamento sobre a forma linguística em um enunciado é discutida a partir da necessidade do contexto, do tempo verbal para a mudança de significado, por exemplo.

Mas este quadro ainda está distante do materialismo de Bakhtin, de uma abordagem semântico-enunciativa. Para Bakhtin (1992) a forma linguística não é o signo em si, a forma linguística se torna signo na enunciação que apreenda o social. O signo linguístico tem uma mobilidade específica (BAKHTIN, 1992, p. 94).

Aprendizes de Libras precisam aprender conceitos como iconicidade e simultaneidade que antes pouco ou nada eram vistos em línguas orais. Com o

olhar sobre as línguas de sinais e pela sua diversa modalidade gestual-visual se fez construir em detalhadas análises e conscientização das possibilidades de comunicação em Libras usando esses recursos da língua.

Não é só reconhecer a forma utilizada, mas compreende-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular, deve considerar o signo variável e flexível (BAKHTIN, 1992, p. 93).

Aprender uma segunda língua é aprender a usá-la em situações comunicativas específicas onde a mobilidade do significado dos sinais, como anunciado no título deste capítulo, é a regra e não uma exceção.

## Referências

ALBRES, N. de A. *Tenha “olho caro”*: a interpretação de expressões idiomáticas da língua de sinais brasileira. Anais do 2o encontro de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais de Mato Grosso do Sul. APILMS, 2006.

\_\_\_\_\_. *De sinal em sinal*: comunicação em LIBRAS para educadores. São Paulo, SP: FENEIS/SP, 2008.

BAKHTIN, M.(VOLOCHÍNOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (ed. 1, 1929). Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: ed HUCITEC, 6ª edição, 1992.

DIAS, L. F. *Significação e forma lingüística na visão de Bakhtin*. In: BRAIT, Beth. Bakhtin: dialogismo e construção de sentido. Campinas, SP: ed da UNICAMP, 2005.

KLIMA, E., and U. BELLUGI. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press. 1979.

EMMOREY, K., GRABOWSKI, T., MCCULLOUGH, S., DAMASIO, H., PONTO, L, HICHA, R., & BELLUGI, U. *Motor-iconicity of sign language does not alter the neural systems underlying tool and action naming*. California: Brain and Language n. 89, 2004. Disponível em: <http://emmoreylab.sdsu.edu/pdf-brain/selected/pdf3.pdf>. Acesso em: 12 maio 2001.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira*: Estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed. 2004.

VIOTTI, E; MCCLEARY, L. M. Conceptual integration and narrative voices in brazilian sign language. In: *Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais*. Florianópolis: Lagoa ed., 2006.

VYGOSTKY, L. S. Pensamento e Palavra. In: VYGOSTKY, L. S. *Pensamento e da Linguagem*. Tradução Jeffersin Luiz Camargo São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. Pensamento e Palavra. In: VYGOSTKY, L. S. *A construção do pensamento e da Linguagem*. Tradução Paulo Bezerra São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

WILCOX, P.P. *Metaphor in American Sign Language*. Program at the University of New Mexico: Albuquerque, NM, 2000.

\_\_\_\_\_. A cognitive Key: Metonymic and metaphorical mappings in ASL. Cognitive Linguistics, 2004. Disponível em: <[http://www.unm.edu/~pwilcox/PWilcox\\_Key.pdf](http://www.unm.edu/~pwilcox/PWilcox_Key.pdf)>. Acesso em 05 mai 2010.

# **UNIDADE 3**

Comunicação em Libras: para além dos  
sinais



# Comunicação em Libras: para além dos sinais

Neiva de Aquino Albres

## O que é importante conhecer?

Este capítulo nos traz uma sintética discussão em torno da natureza das línguas sinalizadas, uma instigante introdução sobre as diferenças estruturais de uma língua espaço-visual, baseada em pesquisas na área da linguística.

A partir do momento em que se constituiu como ciência, a linguística, passou a estudar internamente a linguagem. “Sua preocupação passou a ser a análise das relações internas entre os elementos linguísticos” (FIORIN, 2006, p. 5). A chamada linguística estrutural, atualmente, vive uma crise epistemológica, pois tem se considerado demasiado reducionista a tradicional divisão da análise linguística em fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Bakhtin (1992) considera que “a língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua” (BAKHTIN, 1992, p.127).

Apesar de considerarmos que a língua não se limita a níveis de análise, ponderamos que foi relevante o descrito sobre ela nesta perspectiva teórica. Visto que por muitos anos as línguas de modalidade gestual-visual eram desconsideradas como língua e pouco conhecidas, no sentido de seu detalhamento linguístico e funcionamento.

As descrições linguísticas das línguas de sinais são fundamentais para seu conhecimento e reconhecimento legal. As primeiras descrições gramaticais foram sobre a Língua de Sinais Americana (ASL - *American Sign Language*). O trabalho pioneiro foi de Stokoe (1960): *Sign Language Structure e Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*.

A língua Brasileira de sinais - Libras é uma língua oficial no Brasil e já contamos algumas pesquisas de descrição da mesma. Entre os primeiros estudos linguísticos sobre a Libras, destacam-se Britto (1988 e 1995), Felipe (1993), Faria (1995), Quadros e Karnop (2004), Viotti (2004), Viotti & McCleary (2007), Xavier (2006), Moreira (2007) e Leite (2008). Apesar dessas pesquisas, ainda há muitas crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da pessoa surda.

Propomos-nos a apresentar neste capítulo o que a língua de sinais tem de essencialmente diferente da língua da comunidade ouvinte. Do ponto de vista de Bakhtin (1992, p.127) “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto,

que se realiza através da interação verbal social dos locutores.” Trabalharemos neste artigo com aspectos essenciais para a interação verbal entre interlocutores ouvintes e surdos, tocaremos em aspectos por muitas vezes desconhecidos por ouvintes que têm como língua materna o português e estão iniciando seus estudos em Libras.

Há algumas propriedades bem particulares das línguas de sinais, tais como o uso de sinais simultâneos, o uso do espaço e a organização e ordem que daí resultam, o uso de referentes locais e incorporação usando o próprio corpo. Aspectos estes são característicos das línguas de modalidade gestual-visual.

### **Duas maneiras de dizer:**

#### **Simultaneidade e a linearidade nas línguas de sinais**

Como vimos nos tópicos anteriores, as mãos podem remeter aos seus referentes em diferente gradação de iconicidade, quando de um sinal motivado. Estes mesmos sinais podem tomar diferentes sentidos a depender do discurso em que estão inscritos. A questão é que como temos o corpo para produzir a língua de sinais, duas mãos e a face, é possível que esses membros participem da comunicação indicando diferentes significados ao mesmo tempo.

Linguistas descobriram o fato de que a fonologia das línguas orais parecer ser caracterizada por um alto grau de linearidade<sup>1</sup> enquanto as línguas sinalizadas exibir um alto grau de simultaneidade.

Em línguas orais, o que pensamos pode ser expresso por palavras. Vygotsky, (2001) exemplifica com: “Quando desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um menino descalço, de camisa azul, correndo rua abaixo, não vejo cada aspecto isoladamente: o menino, a camisa, a cor azul, a sua corrida, a ausência de sapatos. Concebo tudo isso em um só pensamento, mas expresso-o em palavras separadas” (VYGOTSKI, 2001, p.186). Complementa que “em sua mente, o pensamento está presente em sua totalidade e num só momento, mas na fala tem que ser desenvolvido em uma sequência” (2001, p.186).

Por causa da linearidade na língua oral, não se pode produzir mais de um elemento linguístico de cada vez: um som tem que vir depois do outro. Há outras linguagens, como por exemplo, a pintura, cujos significantes não são lineares e, portanto, se apresentam simultaneamente a quem vê. (FIORIN, 2006, p. 64)

As línguas orais e a língua escrita são produzidas por meio de palavras, de frases, e assim por diante, o que as caracteriza como uma língua linear, ou

---

1 A ocorrência simultânea de elementos fonológicos na língua oral também acontece, por isso cuidadosamente usamos o termo “alto grau de linearidade”. Há estudos sobre os fenômenos fonológicos suprasegmentais, como o acento, a entonação, a duração que acontece simultaneamente à produção articulatória da palavra falada. Não sendo a língua oral o objeto de discussão deste capítulo, vamos nos deter a exemplificar apenas sobre a Língua brasileira de sinais.

seja, usamos uma palavra após a outra e é expressa sequencialmente. Já as línguas de sinais, além da linearidade também têm a propriedade de simultaneidade, onde os elementos com significado são produzidos ao mesmo tempo. (ALBRES, 2008)

A língua, por ser uma forma de materialização desse pensamento, nos conduz para a expressão por meio de suas palavras, cada língua tem suas convenções, suas formas de representação desse mundo, suas formas de dizer algo. Para Bakhtin (1992) “nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis”. (BAKHTIN, 1992, p. 114)

Pesquisas sobre línguas de sinais revelam que existem outras formas de dizer as coisas, principalmente pela modalidade da língua ser gestual-visual. “A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN, 1992, p. 114). Pesquisas revelam que em conversas entre surdos é usado um alto grau de simultaneidade e quando eles precisam se comunicar com ouvintes (ainda não fluentes em Libras) recorrem a uma forma mais linear de apresentar os sinais. (LEITE, 2008)

O trabalho descritivo de Klima & Bellugi (1979) denominado e *The Signs of Language* revelaram uma análise sobre a simultaneidade.

Assim, os itens lexicais da ASL e de todas as outras línguas de sinais primárias que nós conhecemos parecem ser constituídos de forma diferente das línguas faladas: a organização dos sinais é principalmente simultânea, ao invés de seqüencial. A ASL usa o meio espacial e isso pode ter uma influência crucial na sua organização. (KLIMA & BELLUGI, 1979, p.39).

A análise da simultaneidade pode se dar no nível fonológico ou no nível sintático das línguas de sinais. Para este capítulo nos deteremos em apresentar essa peculiaridade da língua de sinais no nível sintático. Podemos iniciar assim, se um sinal é realizado com apenas uma das mãos, a outra mão está livre para produzir outro sinal, a posição do corpo e a face também podem ao mesmo tempo apresentar outros significados.



História em quadrinho

Fonte: (ALBRES, 2008, p.91).

Pensemos em um discurso em português para descrever a história em quadrinho acima:

1. O gatinho subiu na árvore.
2. O menino também subiu na árvore para tentar salvar o gatinho.
3. Sua mãe, preocupada, subiu na árvore para salvar o gatinho e o menino.
4. Os bombeiros chegaram para resgatar a todos fazendo uso de uma escada.



### PESSOA-SUBIR-ÁRVORE

Fonte: (ALBRES, 2008, p.91).

A parte da sentença “O menino também subiu na árvore” pode ser expressa em Libras por /PESSOA-SUBIR-ÁRVORE/ (figura acima), pois o sinal /ÁRVORE/ é realizado com uma das mãos, e os sinais /MENINO-SUBIR/ realizado com a outra mão que pela sua configuração da mão se expressa as pernas do menino agarrado ao tronco da árvore e o movimento para cima se expressa a subida na árvore.

Isso não significa que toda enunciação em libras seja simultânea. A língua de sinais também faz uso da estrutura linear em diversas sentenças. Exemplo:



VOCÊ GOSTAR BEBER O-QUÊ ?

Pergunta em Língua Brasileira de Sinais

Fonte: (ALBRES, 2008, p.70).

A simultaneidade é bastante comum em gêneros narrativos e descritivos e quanto mais se fizer uso dela mais um estrangeiro é interpretado como proficiente na língua. A consciência dessa diferença faz com que se dê um passo a frente para compreender e fazer uso da simultaneidade em seus enunciados. “Trata-se, antes, da reflexão de uma consciência que luta para abrir caminho no mundo misterioso de uma língua estrangeira” (BAKHTIN, 1992, p. 98).

## **De quem são essas palavras/sinais?**

## **Quem está dizendo isso, o narrador ou o personagem?**

## **Incorporação - uso do próprio corpo**

De forma bem genérica, a análise do discurso vai além da dimensão da palavra ou da frase e se preocupa com a organização global do texto; examina as relações entre enunciação e o discurso enunciado e entre o discurso enunciado e os fatores sócio-históricos que o constroem. (BARROS, 2005, p. 187)

São pouquíssimas as pesquisas sobre língua de sinais nesse nível de análise. Moreira (2007) com base em Liddell (2003) descreve que o discurso em libras é construído com base em espaços mentais. Nessa perspectiva, é feita uma distinção entre: a) Espaço mental real, b) Espaço mental token, e c) Espaço mental sub-rogado. É interessante perceber a integração destes espaços no discurso.

O **espaço mental real** é a sinalização com base nos espaços físicos vivíveis e sempre na perspectiva do sinalizador. Não estão relacionadas nesta sinalização apenas as pessoas presentes ao redor do sinalizador, pois pode ser construído com objetos ou pessoas ausentes também, desde que se tenha uma definição entre os interlocutores do que representa aquele espaço real apontado no decorrer do discurso.

Primeiramente, precisamos entender que todos os espaços mentais são integrados. Então, o espaço mental real de um tempo atrás pode permanecer na mente dos interlocutores em outro momento de conversação.

Na descrição de Liddell (2003), o espaço real é um mapeamento cognitivo do espaço físico que rodeia o sinalizador. No momento do discurso em Libras quem toma o turno de fala tem a imagem do espaço físico ao seu redor e pode fazer uso deste para indicar um ponto que tenha alguma representação na mente dos interlocutores.

“Em alguns casos, eles apontam para pontos específicos do espaço real (em frente ou ao redor do seu corpo) que não correspondem a pessoas ou coisas efetivamente presentes no ambiente físico de sinalização. O espaço mental real usado nas sinalizações abarca também entidades de outros espaços mentais. Uma característica importante dessa representação espacial de entidades de diferentes espaços mentais é o fato de as entidades as quais se quer referir estarem sempre, de alguma maneira, presentificadas e poderem ser apontadas por sinais como os pronomes.” (MOREIRA, 2007. p. 46)



EL@S

Língua Brasileira de Sinais

Fonte: (ALBRES, 2008).

No exemplo acima o sinalizador aponta para outras pessoas que estão no espaço físico visível, dessa forma esse apontamento refere-se à introdução dessas pessoas no discurso.

“O **espaço mental token** é um espaço integrado, em que as coisas das quais se quer falar são representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. As entidades *tokens* são invisíveis (apenas pontos associados a alguma representação mental) e são integradas ao espaço mental real” (MOREIRA, 2007, p.47).

Para a produção de apresentação de diálogo utiliza-se o estabelecimento de pontos específicos no espaço da sinalização, conhecido também com referente locais (QUADROS, 1997).

Autores denominam de *sintaxe espacial* as propriedades estruturais da língua de sinais que fazem uso do espaço a frente do sinalizador para representar entidades não presentes e suas relações. A discussão parte da observação de que “o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para as relações sintáticas” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127), a que se associa o estabelecimento de um local no espaço de sinalização, definido por meio de vários mecanismos.



## ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO

### Língua Brasileira de Sinais

Fonte: (ALBRES, 2008).

O falante de Libras utiliza o espaço de sinalização a sua frente, ressaltando que alguns pontos demarcados no discurso podem ser retomados no seu decorrer pelo locutor e pelo interlocutor no diálogo. Desta forma, o espaço mental token se dá pela associação de locais diferentes no espaço para se referir a objetos, pessoas ou conceitos.

Quadros e Karnopp (2004) descrevem que o estabelecimento de um local no espaço de sinalização pode ser definido por meio de vários mecanismos, como:

- fazer o sinal em um local particular;
- direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) na direção relevante, simultaneamente à realização do sinal;
- usar a apontação ostensiva antes de produzir o sinal relevante;
- usar um pronome (com apontação ostensiva) numa localização particular;
- usar um classificador na localização relevante;
- usar um verbo *direcional* (também chamado de *verbo de concordância*) incorporando os referentes previamente introduzidos no espaço.

(QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127)

No exemplo a seguir, em um primeiro momento, o sinalizador apresenta a pessoa apontando para um lado de seu corpo e digitando seu nome por meio do alfabeto manual, desta forma, pode-se retomar o referente (pessoa) no discurso apenas apontando para aquele espaço estabelecido anteriormente. A direção do verbo é importante para identificar sujeito e objeto. Por meio do gênero narrativo pode-se retomar os personagens, geralmente ausentes no discurso, indicando os pontos no espaço para eles anteriormente estabelecidos. No decorrer do discurso deve-se respeitar os pontos espaciais estabelecidos previamente. (ALBRES, 2008)



### ANA-AVISAR-PAULO

Fonte: (ALBRES, 2008, p.62).

Neste caso, pela sua direção do verbo AVISAR (do lado esquerdo para o direito do sinalizador) e pelo contexto, o sinal pode ser interpretado como: Ana avisou ao Paulo.

Quando o pensamento dos interlocutores está envolvido no mesmo assunto a função da fala se reduz. Quanto mais duas pessoas convivem, conhecem as mesmas pessoas, conversam sempre sobre os mesmos assuntos, menos precisam usar da fala, usam uma forma de fala abreviada. “O diálogo sempre pressupõe que os interlocutores tenham um conhecimento suficiente no assunto para tornar possível a fala abreviada e, em certas condições, as frases exclusivamente predicativas”. (VYGOSTSKY, 2001, p. 177)

Viotti e McCleary (2006) consideram que muito ainda deve ser estudado sobre o processo de narrativa em Libras e descrito sobre os pronomes. Assim, as vozes no discurso da língua espaço-visual podem ser percebidas pelo uso de sinais manuais e ação/postura do corpo juntamente ao espaço sub-rogado, ou seja, delimitado.

No decorrer da sinalização o narrador/sinalizador pode tomar as vozes dos personagens ou de entidades apresentadas. Por isso a pergunta: De quem são essas palavras/sinais? Iniciantes na língua de modalidade gestual-visual não percebem facilmente as diferentes vozes no discurso do narrador. A forma de organização estrutural para a tomada de voz é bastante sutil nas línguas de sinais.

Essa forma tem sido denominada de **espaço mental sub-rogado** dentro da perspectiva de espaços mentais (LIDDELL, 2003), outros autores denominam de **incorporação** (QUADROS, 1997) ou **transferência de pessoa** (PIZZUTO, et. al., 2006).

Segundo Liddell (2003), os sinalizadores podem assumir o papel de qualquer participante da situação narrada e sinalizar como se fossem eles. “Essas entidades criadas pelo sinalizador são entidades sub-rogadas, ou seja, são representações mentais em tamanho natural, que assumem posições realistas, por serem incorporadas pelo próprio sinalizador” (LIDDELL, 2003, p.159).

Segundo dados levantados por Pizzuto, Rossini, Sallandre e Ilkinson (2006) a partir de vídeos de narrativas de surdos, consideram que:

As ‘Transferências de pessoa’ (TP) envolvem um papel (agente ou paciente) e um processo. O sinalizante ‘se transforma’ na entidade a que ele se refere ao reproduzir, em seu enunciado, uma ou mais ações realizadas pela entidade. Em geral, as entidades a que os sinalizantes se referem são seres humanos ou animais, mas também podem ser seres inanimados. (PIZZUTO, ROSSINI, SALLANDRE & ILKINSON, 2006, p. 144)

É provável que um sinalizador proficiente em Libras ao contar a história em quadrinhos apresentada nesse capítulo, além de usar o recurso da simultaneidade, como apresentado, também use da incorporação dos personagens.



Quando for contar do gato na árvore, por exemplo, o sinalizador pode usar o corpo para se expressar como sendo o gato, pode cruzar os braços como se fossem as patas, lamber as patas, olhar para o céu e sorrir. O gato pode dizer algo, como: \_\_. Adoro ficar nesta árvore, porque tenho a visão de toda a praça. Neste momento, não é mais a voz do sinalizador, mas sim a voz do gato.

Em Libras a transição é bastante sutil, pois faz uso de minuciosos movimentos de corpo e direção do olhar, nem sempre é marcado pelo sinal de quem é assumida a voz. Para o receptor compreender de quem é essa fala é preciso estar atento a estes aspectos.



O narrador da história também pode fazer uso do seu corpo como na posição da criança, feliz segurando o gato em seus braços, abraçando-o e beijando-o. Neste momento da sinalização o narrador incorpora o menino e age como se fosse ele.



O corpo do sinalizador poderia se comportar como qualquer personagem ou como qualquer ser inanimado da história, como o caminhão do bombeiro, a escada etc. No exemplo acima o sinalizador está fazendo o sinal de árvore ao mesmo tempo em que pode expressar-se como a árvore, cansada, esbaforida, perdendo o viço de tanto ser pisoteada.

Verificamos que o sentido do sinal é um fenômeno complexo, móvel e variável. O sentido pretendido do “gato metido lambendo suas patas em cima da árvore” está relacionado a toda a frase, a toda a história, e não ao sinal isoladamente. Um sinal adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. Para Vygotski (2001) “O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala” (VYGOTSKY, 2001, p.181).

O tópico “De quem são essas palavras/sinais?” é uma provocação para reflexão de que no processo de enunciação o dito pode não ser a voz do narrador, mas do personagem e esses sinais ditos podem tomar diversos sentidos. “Esse enriquecimento das palavras que o sentido lhe confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras” (VYGOTSKY, 2001, p.181).

## Considerações finais

Esperamos que a partir das experiências comunicativas em Libras do estudante venha a construir um repertório interessante para compreender e fazer uso da simultaneidade, do uso do próprio corpo para incorporação. Nosso esforço, no sentido de formular uma explicação sobre esses fenômenos da língua é para lhe oferecer uma consciência da complexidade que envolve aprender a comunicar-se em Libras e tem se balizado, inegavelmente, na corrente enunciativo-discursiva de que a individualização da enunciação é superficial, pois na verdade o uso da palavra, como signo, requer que a pessoa o busque em um estoque social.

Para Bakhtin (1992) nas trocas dialógicas a palavra do outro gera em nós contrapalavras, uma forma de compreensão ativa que possibilita ao sujeito, no papel de receptor e elaboração mental consciente e reflexiva. O sentido da enunciação do outro é definido pelo momento histórico em que acontece e pelos sujeitos envolvidos na interação, ou seja, está sempre por vir.

## Referências

ALBRES, N. de A. *Tenha “olho caro”*: a interpretação de expressões idiomáticas da língua de sinais brasileira. Anais do 2o encontro de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais de Mato Grosso do Sul. APILMS, 2006.

\_\_\_\_\_. *De sinal em sinal*: comunicação em LIBRAS para educadores. São Paulo, SP: FENEIS/SP, 2008.

- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (1ª ed. 1929). Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, 6ª ed. 1992.
- BARROS, D. L. P.** *Estudos do discurso*. In: **FIORIN, J. L. (org.) Introdução à lingüística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRITTO, L.F.** *O signo gestual-visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB)*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Por uma gramática da Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ – Departamento de Linguística e filosofia, 1995.
- KLIMA, E., & BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press. 1979.
- FARIA, C. V. *Atos de fala: o pedido em Libras*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.
- FELIPE, T. A. Por uma tipologia dos verbos da LSCB. *Anais dos VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiania, ANPOLL, 1993.
- FIORIN, José Luiz. Org. *Introdução à Lingüística*. Princípios de análise. São Paulo: contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. Série princípios. São Paulo: ed. ática, 2006.
- LEITE, Tarcísio Arantes. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de doutorado em Lingüística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas FFLCH-USP, 2008.
- LIDELL, S. *Grammar, Gestures, and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- McCLEARY, L.; VIOTTI, E. *Transcrição de dados de língua sinalizada: Um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira*. In: H. Salles (Ed.). *Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cãnone Editorial, 2007.
- MOREIRA, R. L. Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores. Dissertação de mestrado em Lingüística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)- USP, 2007.
- PIZZUTO, E.; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlingüísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: *Theoretical Issues in Sign Language Research Conference - TISLR9*. Florianópolis, Brazil, December, 2006.
- QUADROS, R. M. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed. 2004.
- SANTOS, R. S. & SOUZA, P. C.. *Fonética*. In: FIORIN (org.) *Introdução à lingüística – II. Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2005.
- STOKOE, W.C., CASTERLINE D., & CRONEBERG C. *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*. Washington, D.C.: Gallaudet College Press. 1965.

VIOTTI, E. Algumas questões polêmicas na pesquisa da gramática das línguas de sinais. In: *52o Seminário do GEL*. Instituto de Estudos da linguagem UNICAMP. Campinas, SP 29 – 31 jul. 2004.

VIOTTI, E. Cap 4 Lingüística Geral. Material didático da disciplina de “Introdução à lingüística”. UFSC; SEED/MEC. *Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras/Libras*. 2006. Disponível: <<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

VIOTTI, E.; MCCLEARY, L. M. Conceptual integracion and narrative voices in brazilian sign language. In: *Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais*. Florianópolis: Lagoa ed. 2006.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Palavra. In: VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e da Linguagem*. Tradução Jeffersin Luiz Camargo São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_ Pensamento e Palavra. In: VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da Linguagem*. Tradução Paulo Bezerra São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

XAVIER, A. N. Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LSB/libras). Dissertação de mestrado em Lingüística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)- USP, 2006.

# UNIDADE 4

Estudo léxico da Libras: uma história a ser registrada



# Estudo léxico da Libras: uma história a ser registrada

*Neiva de Aquino Albres*

## Comunidade linguística e a apropriação da cultura

Os surdos internalizam os sinais e suas possibilidades de uso na relação dialógica com outros surdos ou ouvintes proficientes em Libras. Não se sabe bem porquê da delimitação de um sinal, porque, exatamente, determina certos conceitos ou de onde especificamente foram derivados, a não ser, os sinais icônicos e os que são produzidos pela inicialização da primeira letra da escrita; não se sabe por que alguns sinais “morrem” aos poucos, mesmo quando as funções e experiências na vida concreta da comunidade ainda fazem uso, e porque vinculam esse conceito a outro sinal. Os usuários da língua usam os sinais por que lhes parecem natural, porque desde cedo aprendem a ver o mundo através da lente desses sinais/conceitos.

Para que o homem represente e processe o mundo em sua mente, ele faz uso do instrumento simbólico, que é a língua. Na perspectiva filogenética o homem constrói a palavra, que é a codificação de nossas experiências, com o signo<sup>1</sup> que designa ações, relações, reúne objetos em categorias (LURIA, 1986).

Para os surdos a percepção visual atua recebendo informações sob a forma de sinais, imagens, cores e transforma-os em “imagens mentais”, buscando os significados imediatos que dependem dos aspectos psicolinguísticos e sociais desse sujeito. Deste modo, o sinal é o elo central da compreensão, em que mentalmente e rapidamente formamos uma rede de conexões a outros conceitos ligados a ele.

Ao nível do microcosmo lexical, cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que deve ser considerada segundo duas coordenadas básicas – o eixo paradigmático e o eixo sintagmático. Da conjugação dessas simples coordenadas resulta a grande complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico, evidenciando como palavra inserida numa cadeia paradigmática se articula em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto infinito de significações (BIDERMAN, 2001: p. 16).

---

<sup>1</sup> Signo (Bakhtin): elemento da língua, marcado pela história e cultura de seus falantes, possui inúmeras possibilidades de sentidos, sendo estes criados no momento da interação, dependendo do contexto e dos falantes que o utilizam. Não é apenas uma palavra que possui relação direta e estável entre significado e significante. “Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, massa física, cor, movimento do corpo ou outra coisa qualquer.” (BAKHTIN, 1990: p.33)

Entendemos a língua como uma atividade constitutiva, uma construção simbólica de indivíduos sociais e históricos e desenvolvida interativamente, na dialogicidade. É da atividade de uso e interação que construímos os sentidos dos signos.

Este estudo utiliza-se da lexicologia e lexicografia concomitantemente e de forma interdependente. Lexicologia como o estudo voltado ao léxico da Língua, estudo diacrônico, analisando os neologismos e mudanças da língua, vocabulários técnico-científicos. A Lexicografia é referenciada quando analisamos a produção de dicionários de Língua de Sinais e como estes interferiram no registro do léxico da língua em questão.

### **Vozes dos surdos e dicionários de Libras como fonte de análise**

Analisar a realidade lexicológica da Língua de Sinais é entendê-la como uma língua com estrutura própria, mas necessariamente aberta, fluida, cheia de indeterminações e polissemias, porque é atravessada pela condição de seres históricos.

Em outro trabalho (ALBRES, 2004) por meio de uma análise da história da língua de sinais em Campo Grande – MS, verificamos a relação entre Língua de Sinais e o desenvolvimento da consciência dos surdos, as condições psicossociais gerando o crescimento da língua e sua determinação pelo movimento dialético entre o conteúdo das relações sociais e as representações de si e do mundo. Constatamos que a escola foi o espaço que propiciou maior desenvolvimento da língua.

Ao nomear o indivíduo se apropria do real simbolicamente, e para cada conceito novo desenvolve outros signos para representá-lo, mas vale lembrar que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. (BIDERMAN, 2001: p. 13)



Fonte: Livro - Iconographia dos signaes dos Surdos-Mudos

A tradição lexicográfica da produção da Libras é constituída da produção de dicionários ou glossários que geralmente apresentam o léxico da língua, agrupado em classes gramaticais, com uma lista de palavras para auxiliar os interessados em aprender a Língua de Sinais. O registro mais antigo no Brasil foi produzido no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, no Rio de Janeiro, o intitulado “Iconographia dos signaes dos Surdos-Mudos”, produzido pelo aluno surdo Flausino José da Gama em 1875. Geralmente na elaboração de dicionários bilíngues, apresentam fotos ou desenhos da produção do sinal associado à sua tradução das palavras escritas em língua portuguesa.

Desde então, foram produzidos vários materiais dessa natureza no país, como Fernandes e Oates (1983) e Strobel (1998), e mais recentemente o dicionário trilingue Capovilla e Raphael (2001) distribuído pelo MEC para as escolas públicas.

Há diferentes formas de construir um dicionário, como remissivo, de sinônimo ou antônimo, definição por extensão. Mas, Souza (1997) alerta que a definição que está em consonância à Norma ISSO 1087 e satisfaz as expectativas dos consulentes é a definição por compreensão, em que designa a classe geral a que pertence a palavra, define o conceito e enumera as diferentes possibilidades de uso do conceito. Mais complexo ainda é a produção de dicionário bilíngue, em que não há uma transposição direta, uma equivalência completa entre as unidades dos códigos, principalmente de uma língua de formação lingüística oral-auditiva em contraposição à gestual-visual.

Percebemos que a língua está em constante modificação, consideramos, desta forma, o estudo histórico fundamental para compreensão da origem do léxico. A análise dos dicionários<sup>2</sup> bilíngues de Libras e Língua Portuguesa e entrevistas foram nossos procedimentos metodológicos de estudo.

De posse desses dicionários, fizemos a análise documental que consiste em estudar as informações fixadas em suporte material, considerados fontes duráveis de comunicação (CHIZZOTTI, 2001). “[...] a análise documental pode

2 Utilizamos à análise documental de dicionários de Língua de Sinais (monolíngües e bilíngües) usados na Educação dos surdos e entrevistas com surdos adultos ex alunos do INES - RJ.

se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema”. Portanto procuraremos identificar no léxico registrado nos documentos a partir das categorias elencadas e convergir-lhas com autores que iluminem nossa análise procurando aprofundar os conceitos apresentados nos dicionários.

Acrescenta-se a esta escolha a entrevista com surdos adultos, os ex-alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos, para que a partir do relato em Língua de Sinais revelem as mudanças constatadas na língua. Trabalhamos, portanto, com a memória dos sujeitos que se remeteram a um contexto histórico e político; o que significa considerar as determinações, contradições e forças antagônicas contidas no interior dos discursos proferidos, mas destes, apresentaremos na análise apenas o léxico.

Para Bakhtin o discurso não é fechado e apenas de um indivíduo, mas é um processo coletivo, conjunção de discursos entre eu e o outro, vários outros. “Nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam”. (TEZZA, 1988, p. 55)

Consideramos ser estes meios eficazes para tal propósito. Da vivência e uso da língua, do confronto inicial, pensamos poder construir esse ensaio de produção do estudo léxico da Libras, desenvolvendo assim uma pesquisa descritiva, buscando o entendimento das variáveis desse fenômeno elencamos as seguintes categorias de análise:

1. Transformação do léxico da língua ao longo do tempo;
2. Campo de ampliação dentro da própria língua;
3. Adoção de um termo de outra língua ou língua estrangeira;
4. Adaptação de um termo de outra língua ou língua estrangeira.

Para analisar o léxico a luz das categorias levantadas, utilizamos à confecção de desenhos que representem a produção do sinal lexical, visando facilitar a compreensão do leitor sobre a língua de modalidade espaço-visual. Todavia, o léxico de uma língua é extenso para apresentarmos neste trabalho, portanto selecionamos de 4 a 6 exemplos de cada categoria sistematizando o processo de análise do uso desse sinal nas práticas discursivas dos usuários da Libras.

Outro ponto importante é o uso dos princípios da linguística contrastiva, pois estamos trabalhando com um conhecimento explícito, assim produzimos

a comparação entre as duas línguas: Libras e Língua Portuguesa quanto às categorias elencadas.

## Mecanismos de mudança interna do léxico

Historicamente as línguas sofrem transformações e geralmente ampliam seu repertório lexical, por tomar consciência da realidade, para nomear invenções das ciências decorrente das transformações sociais; e por interferência de outras línguas, ou seja, fazem uso de empréstimos linguísticos. “O léxico é o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que constituem sistemas fechados”. (BIDERMAN, 2001: p.15)

Os homens em consequência da mudança social provocam surgimento de novos lexemas, ou mesmo a mudança de sentido de um lexema já existente. “A sociolingüística procura examinar as relações que se instituem entre as estruturas sociais e funcionamento do código lingüístico e aí localizar as fontes de mutação” (CARVALHO, 1989: p.25)

A língua recebe sugestivas criações que, gradativamente assimiladas pela comunidade, a vão vitalizando e enriquecendo. Quadros e Karnopp (2004) discorrem que “no núcleo estão os sinais nativos (léxico nativo) que obedecem a todas as restrições de boa-formação dos sinais, e em direção à periferia estão os sinais estrangeiros (léxico não nativo), sendo que alguns obedecem a algumas restrições de boa formação de sinais. E no extremo da periferia está o vocábulo que conforma-se minimamente às restrições da língua”. (QUADROS & KARNOPP, 2004: p. 89-90)

### 1. Transformação do léxico da língua ao longo do tempo (diacronia)

Corresponde à produção de uma observação histórica da língua, na sua permanente elaboração e mudança. “A lingüística diacrônica estuda os termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistemas entre si”. (SAUSSURE, 1995: p.116)

A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana. A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução, por um lado, obedece a leis internas (reconstrução analógica, economia), ela é, sobretudo, regida por leis externas, de natureza social (YAGUELLO, 1992: p. 14).

O **arcadismo** ocorre quando as palavras caem em desuso porque a situação ou objeto, por ela designados, desaparecem ou transformam-se. As transformações geralmente resultam da fala, do uso da língua, pertencem ao

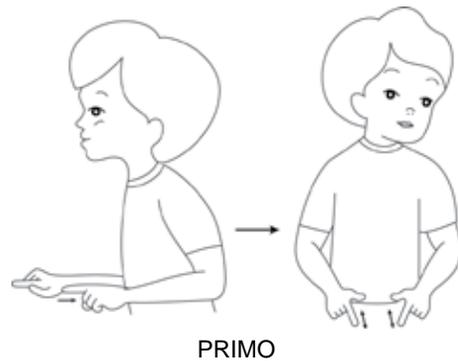
passado da língua, como boticário em vez de farmacêutico, toucador em vez de escrivania ou Vossa Mercê em vez de você. (FARACO & MOURA, 1990; CARDORE, 1994)

Os jovens são grandes criadores, pois usam palavras já conhecidas e adaptam-nas aos novos fatos, como as palavras *massa* e *irado*, hoje usadas no sentido de legal. Mas muitos falantes não percebem isso, crendo que a língua é uma realidade estática. “Este eterno devir produz alterações semânticas que ampliam o léxico”. (CARVALHO, 1989: p. 28)

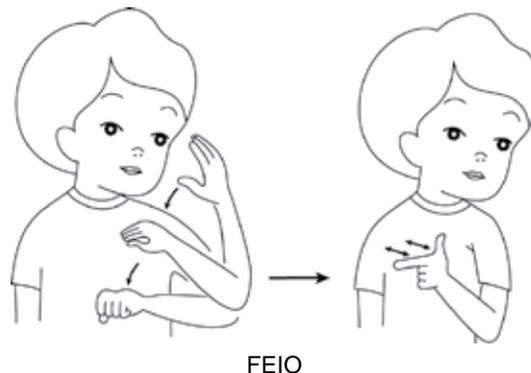
A Língua Brasileira de Sinais também se transformou ao longo dos anos, o léxico que se segue é fruto principalmente da entrevista com surdos adultos, os ex-alunos do INES citados no histórico do início deste trabalho.



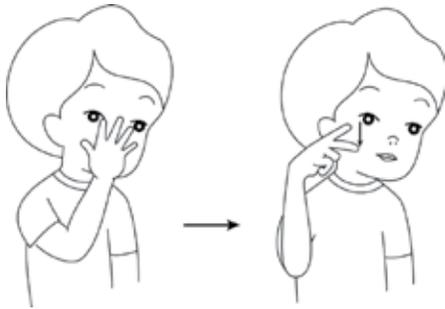
O sinal lexical correspondente a esperar modificou-se, como apresentado no desenho ao lado. Antigamente a mão aberta com movimento para frente e para trás era um sinal icônico, motivado pela ação de ordenar a alguém ficar em um lugar esperando. Atualmente, este sinal é produzido com as duas mãos, perdendo a iconicidade.



O sinal referente à primo, ou seja, o filhos dos tios, antes usado com relação análoga ao sinal de irmão, era produzido como um irmão mais distante e atualmente o sinal perdeu essa relação, sendo produzido na cintura com movimentos alternados e uma configuração de mão convencionalizada.

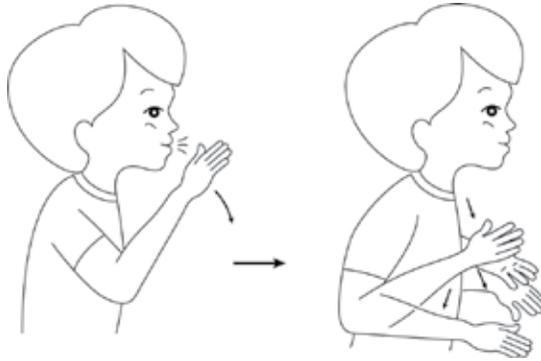


Apresentamos o sinal lexical correspondente ao sentido de feio, não belo ou algo não adequado (comportamento). Antes usado no rosto e gesto negativo, se modificou, agora produzido no peito, com configuração de mão convencionalizada.



VERGONHA

O sinal referente à vergonha, no sentimento de timidez perante outrem, antes era produzido com a ação de esconder o rosto, atualmente uma configuração de mão convencional produzida no lado do rosto com movimento de cima para baixo.



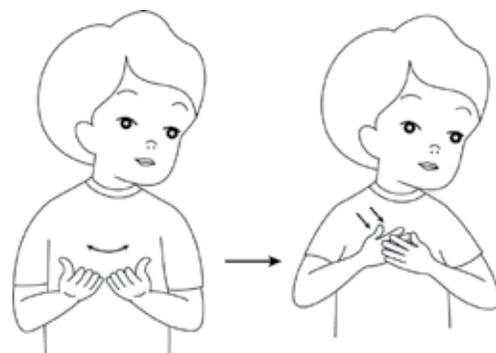
ACABAR

O sinal para o verbo acabar está em processo de transição, pouco usado principalmente pelos jovens surdos e esporadicamente pelos mais antigos. No primeiro sinal a motivação é de apagar a vela e conseqüentemente acabar a luz, por isso a necessidade do sopro na produção do sinal e no segundo sinal mais convencional, apenas bate-se uma mão na outra, perde a iconicidade.

Observamos que, ultimamente, no processo de **ampliação do léxico** da língua de sinais, os novos sinais têm uma produção mais arbitrárias e menos icônica<sup>3</sup>. Cabe pensarmos profundamente na Língua de Sinais, por ser de modalidade espaço-visual tem uma produção de um caráter do léxico icônico ou mesmo de sinais indicativos, direcionais como as formas pronominais usadas com referentes presentes ou pronomes demonstrativos. Constatamos que esses traços icônicos têm diminuído passando a convenção de traços arbitrários ou de grande influência da Língua portuguesa pela inicialização.

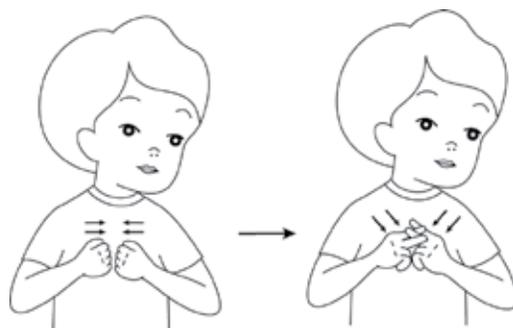
Muitos sinais têm forte motivação icônica, permitindo a representação de traços semânticos do significado, mas Quadros (1995) considera que “os sinais, em si mesmos, normalmente não expressam o significado completo do discurso. Este significado é determinado por aspectos que envolvem a interação dos elementos expressivos da linguagem. No ato da conversação, o receptor deve determinar a atitude do emissor em relação ao que ele produz [...]”.

3 Iconicidade é característica de alguns sinais de ter sua forma motivada pelo objeto que representa, ou seja, sua produção assemelha-se ao objeto, a parte dele ou a relação que o homem desenvolveu com este referente.



ESTUDAR

Há outros sinais que apenas se modificaram, não perdendo a iconicidade, ou era convencional e muda a produção permanecendo o traço convencional, como no desenho 7 referente ao ato de estudar, observar, fixar na memória antes usado como o ato de ler, atualmente com movimento representa uma aividade do estudante.



BRIGAR

No desenho 9 apresentamos a produção do sinal que se refere a um contexto de briga, agressão física, nos dois sinais há uma representação de luta braço a braço. Permanecendo a iconicidade.

## Mecanismos de ampliação do léxico

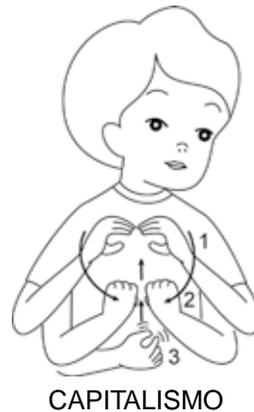
### 2. Campo de ampliação dentro da própria língua (neologismo)

A escola (especialmente os internatos) foi um espaço importante para o uso e aprendizagem da língua, mas geralmente era proibido, há registros que por mais severa que fossem as punições, as crianças conversavam por meio da língua de sinais nos dormitórios e nos banheiros (BURNIER, 1983). Hoje com a opção pela filosofia bilíngue, geralmente é usado na sala de aula para passar os conceitos de Línguas e ciências. Mas só conseguimos comprovar uma mudança quando adotada por vários falantes, Carvalho (1989: p. 89) considera que “é quase sempre impossível descobrir quem e quando iniciou uma inovação ou adotou um termo”, todavia no uso acadêmico os alunos surdos em conjunto com o intérprete combinam sinais para designar os conceitos novos a serem usados constantemente em sala de aula. Portanto, neste caso pudemos identificar a criação dos sinais que foram compartilhados no ano de 2000 nas reuniões de intérpretes e surdos em Campo Grande MS. (ALBRES, 2004)

A formação de novas palavras podem se dar por diferentes processos, em português ocorre mais comumente a derivação e a composição, mas há também o hibridismo, onomatopeia, siglas e redução ou abreviação vocabular. (FARACO & MOURA, 1990) Na língua portuguesa fazemos uso de várias palavras que sofreram o processo de composição, como guarda-chuva, pé de moleque, passatempo, entre outros.

A Língua de Sinais, principalmente no ambiente escolar, sofre inúmeras criações pelos seus interlocutores, como o intérprete (ouvinte) e grupo de alunos (surdos).

Um exemplo de composição ocorreu ao criar o sinal de **capitalismo**, utilizaram morfemas lexicais combinados de acordo com processos já existentes. Comunidade no sentido de um agregado humano pertencente a instituições e associações capazes de satisfazer seus interesses e necessidades fundamentais regidos pelo sistema econômico que se baseia na propriedade privada dos meios de produção visando lucro, por isso o sinal de dinheiro como movimento ascendente ao final da produção, /COMUNIDADE/ + /DINHEIRO/.



Segue o mesmo princípio a criação do sinal para **socialismo**, em que uma comunidade, produção do sinal circular delimitando um grupo que baseia-se no sistema econômico que leve vantagens à sociedade inteira, por isso ao final do sinal o morfema lexical de igualdade. /SOCIEDADE/ + /IGUALDADE/.



Geralmente os sinais compostos, após sua composição e disseminação, passam a exprimir um significado novo, diferente do sentido de cada um dos elementos que o compõem. Sinais estes foram criados em uma aula de geografia onde se discutia os sistemas econômicos, conceitos abstratos que até então os surdos não tinham consciência.

Os Neologismos são termos novos introduzidos na língua, podendo ser formal - uma forma nova -, ou conceitual – um significado novo para algo existente. “Os neologismos criados no setor artístico, científico e tecnológico têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana”. (CARVALHO, 1989: p.23)

Observamos o neologismo na língua de sinais quando um surdo começa a participar de um curso com uma nova modalidade de ensino, a Educação à Distância onde iniciou sua formação pedagógica.

Para a criação deste sinal ocorreu uma formação criteriosa, pois foi respeitada a estrutura, a partir de um processo de fusão de sinais, ou seja, a combinação de vários elementos que compõem o sinal, não perdendo a espacialidade e sua origem no léxico 'educação' e 'distância'.



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Há também o exemplo de novos sinais, assim como novas palavras são necessários para novas tecnologias, eventos e situações. Como no português observamos pela interferência da tecnologia o uso de palavras como: *clicar*, *deletar*, *formatar*, *plugar*, entre outras. “A normalização de conceitos e termos tem sido objeto de políticas lingüísticas intervencionista para tentar ordenar os caóticos processos de criação lexical que vêm ocorrendo nos vários domínios do conhecimento da sociedade”. (BIDERMAN, 2001, p.22)

No caso da Língua de Sinais o léxico expandiu-se ao entrar em contato com os novos conceitos trazidos pelo uso da tecnologia (computador). A produção desses sinais apresenta a imagem do movimento da tela do computador atrelado aos ícones dos programas de computador, como o – ou X no canto direito superior da tela e ao ser minimizado vai para a parte inferior da tela. Apresentamos a seguir alguns exemplos.



MAXIMIZAR



MINIMIZAR



E-MAIL

“A língua é um lugar culturalmente importante com certeza. É possível nós termos a linguagem como meio de construção de cultura, como modificação de cultura, de transmissão de cultura”. (NETO, 2003: p. 43)

## Tipologias de empréstimos

O empréstimo é a consequência do contato entre línguas, o contato direto obriga os homens a interagirem, favorecendo a adoção de inovações e experiências de outra comunidade. “Na relação entre duas línguas, a vizinhança ou coexistência espacial tende a modelar o léxico de uma e de outra por um recorte analógico do mundo objetivo, e desta maneira cada língua conserva suas formas fônicas, porém introduz um novo conteúdo gramatical ou conceitual”. (CARVALHO, 1989: p.33)

Pode ocorrer tanto de Línguas de Sinais para Línguas de Sinais, como de Línguas Orais Para Línguas de Sinais.

### 3. Adoção de um termo de outra língua ou língua estrangeira

O português no Brasil é rico em empréstimos em sua origem, de indanismos a africanismos. A música do Zeca Baleiro: Samba do Approach é um exemplo rico dos empréstimos linguísticos que ocorreram na língua portuguesa, temos em uso *hamburger, hotdog, pop star, link, engov, light, drink*, como também *xerox, doping*, entre outros.

“A ampliação do léxico, pelo empréstimo, é resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é a adequação da língua como saber lingüístico à sua própria superação e tem como determinante fins culturais e estéticos”. (CARVALHO, 1989: p. 24)

A adoção na Libras só pode ocorrer do contato com outra língua de sinais. Brito (1995) considera que o sinal para ‘ano’ pode ter sido emprestado Língua de Sinais Americana. Como o sinal para laranja da Língua de Sinais Francesa (LSF) ou da Língua de Sinais Americana. Já quer na Libras fazemos uso dos mesmos sinais dessas línguas de sinais estrangeiras.



O empréstimo de fonemas é quase inexistente, geralmente rejeitado pelos falantes da língua, portanto acabam adaptando à sua forma de falar nos fonemas existentes em sua língua materna, não conservando as regras dos fonemas estrangeiros. Veremos a seguir alguns exemplos.

Burnier (1983) considera que o sinal referente a Deus é de origem da Língua de Sinais Francesa, já influenciado pela língua francesa escrita, pois o mesmo foi construído por um gesto dactilológico, como ele denomina, expressando o nome de *Dieu*.



#### 4. Adaptação de um termo de outra língua ou língua estrangeira.

Geralmente a adaptação ocorre pela dificuldade na produção dos fonemas da língua exportadora, não há uma preocupação de fidelidade. Na língua portuguesa na palavra hotel há o apagamento do fonema /r/ no início palavra, fazemos uma adaptação falando /otel/, ou a palavra smoking (não foi adaptado na escrita e falamos /esmoki/; na palavra stress (já está adaptado na grafia e é dito /estresse/); a palavra chic de origem francesa (já adaptado na escrita chique), entre outras. (CARVALHO, 1989)

Na Língua de Sinais nunca ocorrerá uma adoção de uma língua de modalidade oral auditiva para língua gestual-visual, por mais que apenas se soletre utilizando o alfabeto manual, esta já é uma adaptação para a língua espaço visual (BRITO, 1995). Geralmente, as soletrações rítmicas são associações de escrita ou fala da palavra, quando chega à incorporação na língua e sinais precisa de ritmo e forma própria, quase sempre com supressão de letras. (KOJIMA; SEGALA, 2002).

Muitos sinais são criados apoiados nas letras das palavras em português fazendo uso do alfabeto manual, mas freqüentemente ignoram os processos de formação de palavras dos sistemas linguísticos gestuais-visuais. Alguns em total dissonância com o processo de formação de sinais das Línguas de Sinais. “Até onde for possível, esses sinais devem ser escolhidos de maneira a se tornarem compatíveis com sinais correlatos e precisam adequar-se aos padrões gramaticais da língua de sinais concernente”. (FREEMAN, CARBIN E BOESE, 1999: p.167)

A adaptação na Língua de Sinais ocorre pelo uso do alfabeto manual, há quatro tipos, os de inicialização, soletração digital, soletração rítmica e de ordem fonética.

A **inicialização** ocorre quando se faz uso da letra inicial da palavra em português para produzir o sinal, uma configuração de mão que corresponde à letra do alfabeto manual associada a um movimento. (BRITO, 1995)



BRASIL

No sinal correspondente à nação/Brasil verificamos o uso da configuração de mão que representa a letra do alfabeto manual B associada a um movimento que representa o contorno do nosso continente, mais especificamente do litoral. Há outros exemplos do léxico de Campo Grande que fazem uso desse recurso, registrados no livro: Língua Brasileira de Sinais com Dialeto Regional de Mato Grosso do Sul, como o Sinal para 'loja'.



LOJA

Já a **soletração digital** faz uso do alfabeto manual, através da datilologia este alfabeto é usado para “escrever no ar” nomes próprios ou palavras que não tenham sinais correspondentes, ou mesmo que o falante não os conheça (BRITO, 1995). Como, por exemplo, o nome de uma rua ou nome próprio.



(Nome de pessoa usando o alfabeto manual)

Observa-se que essa soletração digital pode vir a ser incorporada na língua com um tempo, é o que chamamos de soletração rítmica. Temos como exemplo os sinais para a palavra 'nunca' e para a palavra 'vai', do verbo ir, ou mesmo o 'sim' para uma resposta afirmativa.



NUNCA



VAI



SIM

Adaptação de ordem fonética, “esse tipo de empréstimo é obtido pela tentativa de representação visual do som que constitui a palavra em português, tal como ela é percebida pelo surdo”. (BRITO, 1995)



S-I

O ‘se’ (condicional), usa a soletração digital incorpora a pronúncia da fala, pois na fala ocorre a produção do fonema /i/ ao final da palavra. E o sinal para ‘mamãe’, que foi criado como uma pista visual para a produção oral do fonema /m/ nasal, princípio este da filosofia educacional para surdos denominada de Comunicação Total.



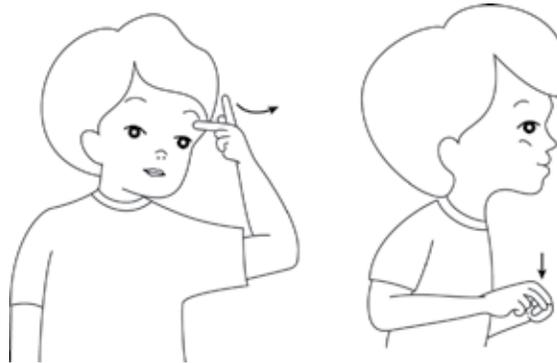
MAMÃE

Todas as línguas são constituídas por duas classes de palavras os lexemas e os morfemas gramaticais. Os lexemas, como vimos até então, pertencem a uma classe aberta, pois designam uma significação externa, como verbo, adjetivo, substantivo, entre outros e se enriquecem continuamente. Já a segunda classe, dos morfemas gramaticais, conhecidas como palavras instrumentais, responsáveis pela estrutura interna das línguas, raramente aceitam uma adoção, adaptação ou neologismo, pois essa classe é conservadora. (CARVALHO, 1989)

Todavia, como observamos na história da Língua de Sinais, ela foi por muito tempo considerada pobre e no período de uso da proposta educacional da Comunicação Total foi subordinada à Língua Portuguesa, sendo assim, inventaram sinais para designar artigos, preposições, pronomes relativos e advérbios, não quer dizer que a língua de sinais não tenha esses recursos, mas por ser uma língua espaço visual eles se processam de forma diferente, geralmente na utilização do espaço e de pontos referentes. “Nem todas as inovações são aceitas porque a adoção é uma seleção e normalmente se aceita aquilo que é

funcional e certo, correspondendo a uma necessidade estética, social ou funcional da comunidade”. (CARVALHO, 1989: p. 27)

No uso corrente da língua os surdos foram selecionando o que era funcional, e o que percebemos que permaneceu desse sistema artificial inventado pela comunicação total foram são alguns sinais do sistema fechado, como os sinais ‘para’ e ‘por isso’.



PARA POR ISSO

## Considerações finais

Verificamos que cada vez mais diminui a criação de sinais por intenção icônica e passa a usar recursos como a inicialização, um “empréstimo” da língua portuguesa, consideramos esse fato importante, pois revela a ação das línguas em contato, principalmente pelo desenvolvimento acadêmico dos surdos. Wilcox (2005) nos lembra que a evolução da ASL nos últimos 75 a 100 anos, mostra que o grau de iconicidade também tem diminuído, Capovilla (2004: p.28) constatou que em seu dicionário de Libras apenas 10 por cento dos 1515 sinais compilados na primeira edição são inicializados, mas considera que “tem sido documentado que a frequência de inicialização de sinais tende a aumentar ao longo da evolução dessas línguas”

Os estudos sobre a Língua de Sinais têm contribuído para formar o status lingüístico da mesma. Conseqüentemente é crescente o orgulho e reconhecimento dos surdos sobre sua própria língua. Há uma abertura à sociedade para aprendê-la, ingenuidades a parte, sabemos que as decisões políticas são engendradas por forças, mas vale considerar que somado à esforços políticos podemos proporcionar uma mudança, como o aumento do número de intérpretes de Língua de Sinais, que revela a mudança radical de subordinação dos surdos à língua portuguesa oral e reivindicação pelo direito de ser educado e ter acesso as informações em sua língua . “[...] línguas aparentemente minoritárias, e que tenderiam ao desaparecimento em função da globalização, ao contrário, acabam marcando as diferenças e por isso estão sendo retomadas conscientemente como lugares de desenho de uma identidade própria”. (GERALDI, 2003: p. 89)

O pilar do bilingüismo, condição de pessoas surdas, utentes de uma língua diferente da majoritária de seu país, exige o fortalecimento da “consciência

linguística”, ou seja, entender a opressão sofrida pela imposição da língua oral, o colonialismo sofrido pela sua língua, para assim seus usuários respeitarem os aspectos específicos da modalidade do léxico da Língua de Sinais e participarem da formação de novos sinais com consciência, não perdendo de vista a composicionalidade morfológica, restrições formacionais e rítmicas da Língua de Sinais.

A questão da pertinência ou não de determinados termos (sinais) a ser incorporado na língua parece não ser algo simples, levanta-se dúvidas quanto ao respeito lingüístico, mas a pertinência é confirmada quando vistos sobre a perspectiva do uso, se são ou não são eficientes para a comunicação. Mas cabe lembrar que a produção delimitada pode se adaptar a língua ou não, sendo modificada por seus usuários. Na tentativa de apreender esse movimento apresentamos alguns exemplos, capaz de confirmar ou rejeitar a pertinência de termos.

Referente aos processos de incorporação, isso é uma atividade humana riquíssima, “porque se é pela diferença que nos inserimos no global, não há qualquer neutralidade nas políticas linguísticas que serão gestadas neste processo. Ao contrário do que se imagina, não se apagará o diferente, mas o diferente tomará do que sob suas próprias vestimentas o que é global, enriquecendo e aprofundando diferenças”. (GERALDI, 2003: p. 89)

## Referências

- ALBRES, Neivade Aquino. A Construção do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais em Mato Grosso do Sul: condicionantes Sociais e Políticos. In: *1o Encontro dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais de MS*, 2005, Campo Grande. 1o EPILMS. Campo Grande: APILMS, 2005. v. 1.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec. 1992.
- BIDERMAN, M.T.C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A.M.P.P.de; ISQUERDO, A.N.(orgs.). *Asciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 131-144.
- BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática da língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- BURNIER, Padre Vicente de Paulo Penido. A história da linguagem de sinais no Brasil. In: HOEMANN, Harry W.; OATES, Pe Eugênio; HOEMANN, Shirley A. *Linguagem de Sinais no Brasil*. Porto Alegre: Ed Pallotti, 1983.
- CAPOVILLA, F.C; RAFHAEL, W.P. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira*. Vol2- São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2000.
- CAPOVILLA, Fernando C; CAPOVILLA, Alessandra G.S. O desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética na educação do surdo congênito. In: RODRIGUES, Cássio;

TOMITCH, Leda Maria Braga (et.al.) *Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2001.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1990.

FERNANDES, Suelie STROBEL, Karin Lílian. *Aspectos lingüísticos da libras*. Curitiba: SUED/SEED – DEE, 1998.

FREEMAN, Roger D.; CARBIN, Clifton F.; EBOESE, Robert J. *Seu filho não escuta? Um guia para todos que lidam com crianças surdas*. Brasília: CORDE, 1999.

GERALDI, João Wanderley. In: XAVIER, Carlos Antonio e CORTEZ, Suzana (orgs.) *Conversas com lingüístas: virtudes e controvérsias da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003 p.77-90.

KOJIMA, Catarina; SEGALA, Sueli R. *Língua de Sinais: a imagem do pensamento*. São Paulo: Escala. 2002.

LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

NETO, Borges. In: XAVIER, Carlos Antonio e CORTEZ, Suzana (orgs.) *Conversas com lingüístas: virtudes e controvérsias da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003. p.37-50.

OATES, Eugênio. *Linguagem das mãos*. Ed. Santuário: São Paulo, s/d.

QUADROS, Ronice Muller. *A expressividade na Língua de Sinais*. In: STROBEL, K. (org.) *Surdez: abordagem geral*. Curitiba, APTQ, FENEIS, 1995.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

SOUZA, Maria Cristina França Rodrigues. *Uma abordagem lexicográfica: análise crítica de dicionários*. In: *Papéis: ver. Letras/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*. -v.1, n.1. Campo grande, MS: UFMS, 1997.

TEZZA, Cristovão. *Discurso poético e discurso romanescos na teoria de Bakhtin*. In: FARACO *et al.* *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. *Aprender a ver*. Arara azul: rio de Janeiro, 2005. (Coleção cultura e diversidade)

YAGUELLO, Marina. *Introdução. Bakhtin, o homem e seu duplo*. In: BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec. 1992.



# **UNIDADE 5**

Os sinais e seus significados



## OS SINAIS E SEUS SIGNIFICADOS

*Vânia de Aquino Albres Santiago*

Neste capítulo propomos apresentar uma perspectiva de língua em que os enunciados e discursos, ao mesmo tempo em que são permitidos pelo contexto, possuem um efeito constitutivo sobre esses mesmos contextos, pelo poder que a língua tem de constituir realidades e de transformá-las. Durante todo o texto serão discutidos conceitos de sujeito discursivo e enunciado. Com relação à língua de sinais, estudaremos polissemia e a influência das expressões não manuais na significação.

A comunicação representa um dos fenômenos mais importantes da humanidade. MELO (1975, p. 14) explica que “comunicação vem do latim *communis*, comum, o que introduz a ideia de comunhão, comunidade”. Milhares de anos antes de Cristo os egípcios representavam sua cultura por meio de gravuras. A criação dos signos levou o homem a instituir um método de organização para combiná-los entre si com a finalidade de comunicar-se sistematizadamente. Entretanto, mais do que o uso de signos estáticos, a língua possui um caráter de novidade a cada enunciado, em cada situação. O signo linguístico produz sentidos ao ser relacionado com a nossa história e com as nossas vivências.

Antes de aprendermos a língua falada onde vivemos, desde muito pequenos naturalmente desenvolvemos uma forma de linguagem, nem que seja para expressar fome, sono ou dor; mais tarde, através dela, vamos exprimir ideias e sentimentos. Ela se modifica de acordo com o contexto social e histórico, a cultura, faixa etária, com a regionalidade, entre outros, que são elementos indissociáveis e determinantes no uso da língua; não é algo que aprendemos sistematicamente na escola, a língua é internalizada em nós, aprendemos na vida e com a vida. Esses elementos são constitutivos e constituintes dos contextos que permeiam a comunicação humana, e essa só pode existir a partir das enunciações concretas dos sujeitos do discurso. Russo (2009) explica que o sujeito discursivo se constitui a partir de outros dizeres que já foram enunciados em determinada situação histórico-social, os sentidos assimilados ficam guardados, prontos para serem retomados em outra enunciação.

Segundo Bakhtin (2010 [1992]) o enunciado pode ser dito como uma unidade real da comunicação discursiva, que só é possível na interação dos falantes, dos sujeitos discursivos. Nessa perspectiva, o diálogo constitui-se na forma mais clássica de comunicação discursiva, por sua precisão e simplicidade na alternância dos falantes. Bakhtin (2010 [1992], p. 275) explica:

“Essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das

diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias” (BAKHTIN, 2010 [1992], p. 275)

Para ilustrar nossa discussão sobre língua e sobre sujeito discursivo, trazemos uma interjeição, um signo da Língua Portuguesa dicionarizado, e podemos dizê-lo comum, o vocábulo “Uai”. Segundo o dicionário Luft (2000) esta é uma “interjeição de espanto/ surpresa”, todavia, mais do que surpresa, esse vocábulo pode significar tudo ou nada, aprovação ou reprovação, alegria ou infelicidade. Como então nos comunicamos? Como nos entendemos? Para Bakhtin (2010 [1992]), a resposta está no momento das interações, nos sujeitos discursivos que ao produzirem os enunciados atribuem sentidos ao discurso em que os signos ideologicamente marcados são negociados. Vamos ao exemplo então, independente da origem da expressão “Uai”, esta pode carregar diferentes sentidos a depender dos sujeitos do discurso na interação. Vejamos:

A expressão “Uai!” neste enunciado:

\_ *Uai!* Ela vem.

Pode querer dizer:

\_ *Não acredito!* Ela vem.

\_ *Está vendo, eu disse,* ela vem!

\_ *Não acho que* ela vem!

O sentido deste discurso vai depender do contexto social e histórico em que esse enunciado foi proferido, dos sujeitos discursivos envolvidos na comunicação, o locutor e o interlocutor, o quanto esses estão ligados por um mesmo contexto, ou seja, em uma mesma condição de produção de sentido. Aproveitando o ensejo do vocábulo “Uai!”, e entendendo a língua como um sistema em contínua evolução, a depender da situação discursiva, esse mesmo vocábulo, por si só, pode vir a ser um enunciado, uma unidade real da comunicação, pois como vimos anteriormente, pode vir a ser uma pergunta ou uma resposta.

Mas, o que esse exemplo tem a ver com a discussão proposta neste capítulo? É essencial atentar-se à função da língua na expressão do pensamento humano, dentro dos campos da atividade humana. Para aquisição de uma segunda língua, é importante entendê-la como uma rede de significações “possíveis” a depender dos contextos ou situações, dos sujeitos do discurso e de seus enunciados produzidos em uma realidade concreta, no exemplo apresentado, somente como participante da comunicação discursiva, ou seja, como sujeito do discurso é possível a assimilação da palavra do outro.

É muito comum ao iniciar o aprendizado de uma língua, qualquer que seja, tentarmos encontrar um significado único em nossa língua materna para cada novo vocábulo aprendido, em um processo tradutório. De fato, construímos conceitos, significados e sentidos em nossa língua desde o nascimento, portanto, nada mais natural que buscar nela as referências e correlatos para a nova língua – e com a Libras não seria diferente. Em nossa experiência de ensino com frequência somos questionados: “Como é o sinal de...?”, e comumente a resposta é: “Depende! Em que sentido?”. Muitos aprendizes da Libras sentem-se frustrados com tal resposta, imaginando haver um único sinal para representar determinada palavra – e na realidade um sinal pode representar uma palavra ou mesmo uma sentença completa, assim como o exemplo citado da língua portuguesa.

Outro fato bastante questionado por alunos quando do aprendizado da Libras é sobre a gramática desta língua. Frequentemente, como professores, somos cobrados do ensino gramatical desde a primeira aula. Ora, quando crianças nossos familiares não nos ensinavam gramática, fomos aprendê-la somente na escola, e depois de certa idade. Por que motivo seria diferente com uma segunda língua? Deveríamos iniciar o aprendizado pela estrutura gramatical e aspectos lexicais? Nossa crença é de que, a partir de uma perspectiva enunciativa de língua, o aprendizado se torne mais significativo para o aluno – por isso propomos desde as primeiras aulas, atividades de diálogo e interação, como em um processo de imersão na nova língua, em que a compreensão se dá no uso da língua, e não por meio de regras gramaticais e ensino de vocabulário. Assim, concordamos com Bakhtin (2009) quando coloca que

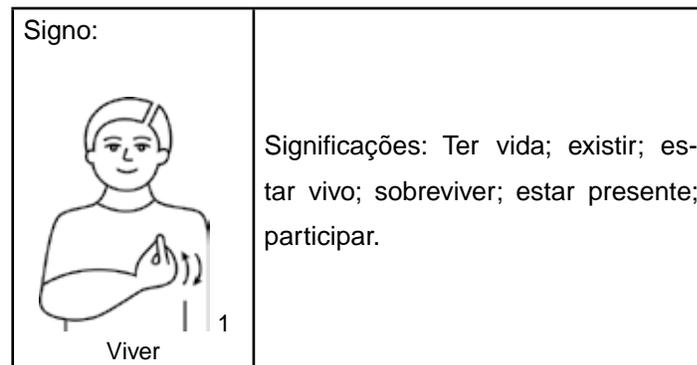
Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra equivalente na própria língua. É por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. (p.137).

No aprendizado Língua de Sinais, a visão da língua na perspectiva enunciativo-discursiva é essencial para a possibilidade de tornar-se realmente sujeito discursivo e produzir enunciados que façam sentido para o interlocutor, entendendo o sujeito discursivo como o locutor que segundo Bakhtin (2009 [1929]) serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas [...] para o locutor o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. Na Libras há sinais que assumem vários significados apesar de apresentarem uma única forma, a isto damos o nome de polissemia. A polissemia, entendendo

a língua como sistema abstrato, infere a um signo um universo de possibilidades de significação. Bakhtin (2009 [1929], p. 109) afirma que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis”

Segundo Albres e Vilhalva (arara azul) o campo de significação está inteiramente relacionado com o intercurso de sentido e a Libras, como todas as línguas, apresenta polissemia, o fato de um sinal ter muitas significações dependendo do contexto.

## Polissemia na Libras - Língua Brasileira de Sinais



Exemplo em Libras:



Outros sinais que apresentam polissemia na Libras:



1 Fonte das ilustrações: CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe. 2 Vol. 3ª ed. 1997

Signo:



Significações possíveis: pular; saltar; alegria; felicidade.

Signo:



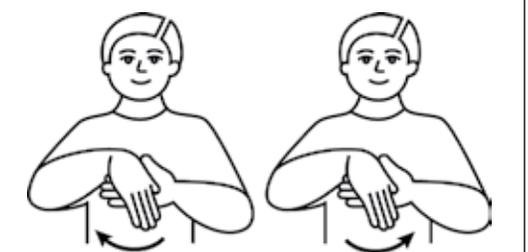
Significações possíveis: quebrar; romper; cansaço, exaustão.

Signo:



Significações possíveis: casa; residência; morar.

Signo:

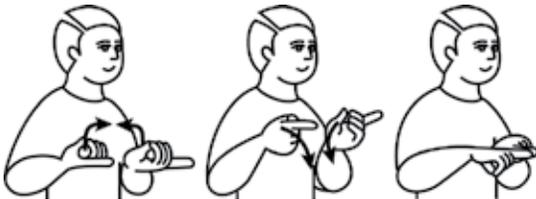


Significações possíveis: rua; endereço.

Signo:



Significações possíveis: piedade, dó, coitado.

<p>Signo:</p> 	<p>Significações possíveis: reconciliar; parceria.</p>
--	--

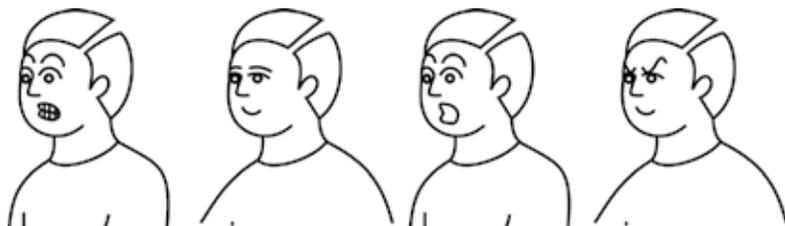
<p>Signo:</p> 	<p>Significações possíveis: organizar; planejar; arrumar.</p>
--	---

Além da polissemia existem outros fatores que influenciam na atribuição de sentido dos enunciados. Nas línguas orais a linguagem corporal que acontece por meio do movimento do corpo e de expressões faciais, é parte significativa da comunicação. Certamente, é conhecida a frase “Um gesto vale mais do que mil palavras”. Nesta perspectiva, podemos considerar esta uma verdade, entretanto uma posição, ou movimento do corpo, não tem por si só, um significado preciso e incontestável. Sua significação vai depender de vários elementos envolvidos no contexto da comunicação discursiva.

Vejamos alguns exemplos clássicos de mensagens enviadas por meio da linguagem corporal e das expressões faciais nas línguas orais:

- Franzir de sobrancelhas: dificuldade ou preocupação;
- Apertar os olhos ou erguer uma das sobrancelhas – sinal de descrédito, desconfiança;
- Tamborilar os dedos – impaciência;
- Bater na testa – esquecimento;
- Levantar os ombros – indiferença;
- Esconder a boca – mentira;
- Olhar frequentemente para o relógio – pressa ou impaciência.

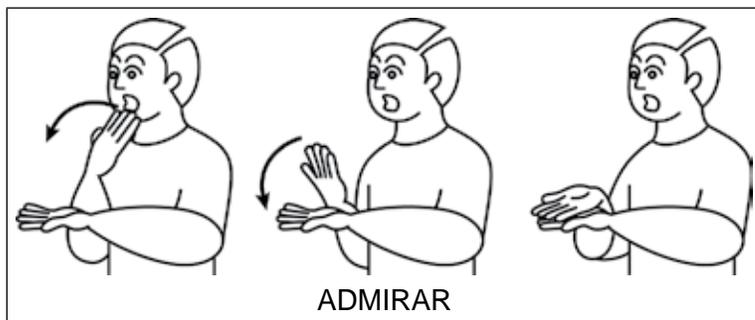
## Expressões não manuais na Libras



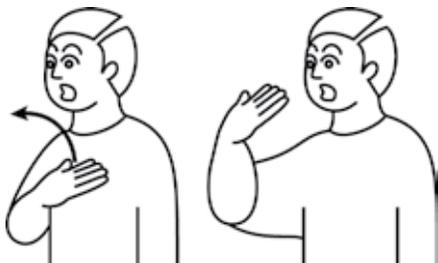
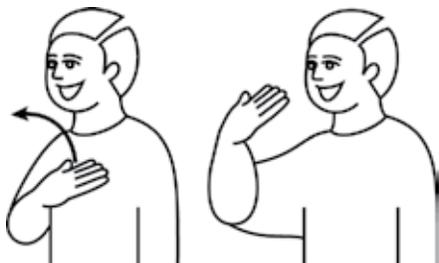
Na Libras, as unidades mínimas que compõem os sinais, como já vimos anteriormente, são: Configuração de mão; Ponto de Articulação; Orientação da mão; Movimento; e Expressões não manuais. É a “expressão não manual” aqui que se desprende da forma linguística estática e a transforma, mudando sua significação em cada contexto.

### Forma Exclamativa

Felipe (1998) explica que para a construção da forma exclamativa em libras, modifica-se a expressão facial, as sobrancelhas são levantadas e há um ligeiro movimento da cabeça inclinando para cima e para baixo. A boca retraída com movimento para baixo pode compor a exclamação apresentado na ilustração abaixo do sinal ADMIRAR.

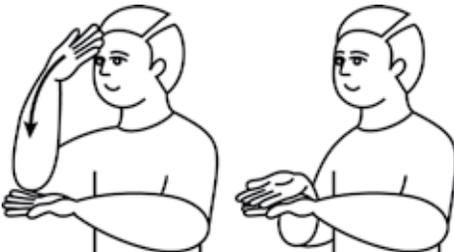
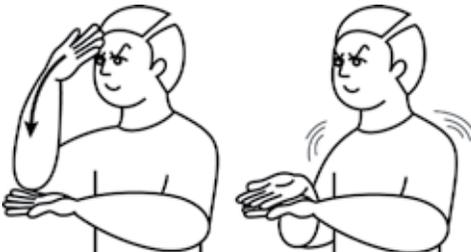


No entanto, um sinal da Libras que já possui em sua forma uma “expressão não manual” pré estabelecida, pode, ao ser alterada essa unidade mínima, assumir um sentido diferente a depender também do contexto e da intenção comunicativa do sujeito discursivo. Bakhtin/ Volochinov (2009 [1929], p.93) explicam que, ao se lançar um olhar objetivo para a língua, não se encontra nela um sistema de normas imutáveis, mas, ao contrário, uma “evolução ininterrupta das normas da língua” (2009 [1929], p.93). Veja o Exemplo da forma exclamativa na Libras a seguir:

 <p style="text-align: center;">SUSTO</p>	 <p style="text-align: center;">SURPRESA</p>
<p style="text-align: center;">Que susto, tinha perdido a carteira.</p>	<p style="text-align: center;">Que surpresa, não sabia que você viria.</p>

#### Forma negativa

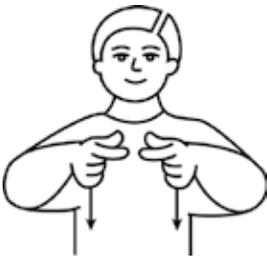
Além das formas de negação pré-estabelecidas na Libras, um mesmo sinal da Libras também pode assumir a forma negativa a partir do uso simultâneo de uma expressão não manual determinada, no exemplo abaixo as sobrancelhas franzidas e o movimentar do corpo para trás indicam desconfiança, descrédito, mudando o significado do sinal, do afirmativo para o negativo.

 <p style="text-align: center;">ACREDITAR</p>	 <p style="text-align: center;">NÃO ACREDITAR</p>
<p style="text-align: center;">Acredito na sua história.</p>	<p style="text-align: center;">Ela consegue chegar? Não acredito!</p>

#### Forma interrogativa

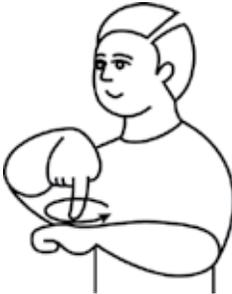
A forma interrogativa em Libras também pode acontecer a partir da mudança da “expressão não manual”, segundo Felipe (1998), há a necessidade de franzir a sobrancelha e inclinar a cabeça para cima, essa expressão deve ser feita simultaneamente ao sinal.

	
NOME	Qual o seu nome?
O mesmo acontece com outros sinais de identificação pessoal como IDADE, SINAL e APELIDO.	

	
LUGAR	ONDE?

	
PASSADO	QUANDO? (passado)

No caso da Libras, mais do que assumir a forma interrogativa, a expressão de levantar ligeiramente a cabeça, pode transformar um sinal isolado em um enunciado, como no exemplo abaixo.

	
<p>DURAÇÃO</p>	<p>Quanto tempo de duração? ou Vai demorar?</p>

Os exemplos apresentados aqui fazem parte de uma rede de significações possíveis, como um fio que tece uma trama. A forma linguística é importante e deve ser estudada para possibilitar a sua descodificação (compreensão). Para Bakhtin (2009 [1929]) o receptor pertencente à mesma comunidade linguística, ou seja, que reconhece e descodifica a forma utilizada, também a considera como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo. Em uma perspectiva enunciativo-discursiva é assim que a língua funciona e possibilita a interação entre sujeitos discursivos marcados ideologicamente em um determinado contexto. “A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta”. (BAKHTIN, 2009 [1929], p. 160)

## Referências

- ALBRES, Neivade Aquino; VILHALVA, Shirley. *Língua de sinais: processo de aprendizagem como segunda língua*. Petrópolis: Arara Azul. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo12.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (Trad.) 13ª ed. São Paulo: ed. Hucitec, 2009. (Texto original de 1929)
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. (Trad.) 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Texto original de 1992)
- CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe*. 2 Vol. 3ª ed. 1997.
- FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto: curso básico, livro do estudante*. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.
- MELO, José M. de. *Comunicação Social: teoria e pesquisa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- QUADROS, Ronice M. SCHMIEDT, Magali L. P. *Português para surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006. p. 13

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Cássia Geciauskas Sofiato**

Graduada em Pedagogia - formação de professores para a área de Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1995), Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (2011). Possui experiência como orientadora pedagógica e educacional, coordenadora de área e atua como docente da Faculdade de Educação e orientadora pedagógica do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Possui proficiência em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e atua como intérprete. Ministrou vários cursos nessa área. Atua também como coordenadora pedagógica do Curso de Pedagogia - Plano Nacional de Professores da Educação Básica - Parfor na PUC-Campinas.

### **Lucia Reily**

Doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo. Docente e pesquisadora da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Atua no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto, desde 1996; trabalha com ensino de artes visuais com alunos surdos e outros públicos com deficiência. Professora do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unicamp e do Curso de Mestrado Profissional Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação. Autora dos livros *Escola inclusiva: Linguagem e Mediação* (Campinas, SP: Papyrus Editora, 2004); *Armazém de imagens: ensaio sobre produção artística de pessoas com deficiência*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2001)

### **Neiva de Aquino Albres**

Graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB (1999) e graduação em Normal Superior pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS (2003). Especialização em Psicopedagogia pela Universidade para o Desenvolvimento da Região do Pantanal - UNIDERP (2005) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso

do Sul - UFMS (2005). Doutoranda em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Experiência na formação de professores de Libras e no desenvolvimento de material didático dessa língua; formadora de instrutores de Libras pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) em São Paulo, atuou como tutora do curso Letras-Libras no Pólo USP. Atuou como orientadora dos cursos de Libras do Instituto Santa Teresinha - escola de surdos e Coordenadora do curso de pós-graduação em Libras da FAAG.

### **Vânia de Aquino Albres Santiago**

Graduação em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI (2005). Mestranda em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Experiência como Intérprete de Libras - Língua Brasileira de Sinais, no ensino fundamental, em universidades, em empresas, na justiça, e também na área da saúde. Atua também como docente de cursos de formação de Intérpretes.



